



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt

O Papa visitou a Fao no dia mundial da alimentação

Guerras e mudanças climáticas na origem da fome

São as guerras e as mudanças climáticas que «determinam a fome». Por conseguinte, «evitemos apresentá-la como uma doença incurável». Foi a firme denúncia feita pelo Papa Francisco da tribuna da sede da Fao, a organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura, onde foi na manhã de segunda-feira, 16 de outubro, dia mundial da alimentação centrado este ano no tema “Mudar o futuro das migrações”.

No palácio romano em frente das Termas de Caracala, o Pontífice dirigiu-se aos ministros da Agricultura do G7, que concluíram a sua cimeira, frisando que «a realidade atual requer maior responsabilidade a todos os níveis não só para garantir a produção necessária ou a distribuição equitativa dos frutos da terra, mas sobretudo para tutelar o direito de cada ser humano a alimentar-se na medida das próprias necessidades, participando igualmente nas decisões que lhe dizem respeito e na realização das suas aspirações, sem ter que se separar dos seus entes queridos».

Em particular, explicou, «a relação entre fome e migrações só pode ser enfrentada» indo à raiz do problema.



Refugiados somalis em fuga da seca no Corno de África (Flickr)

E a este propósito mencionou os estudos que concordam em identificar entre os principais obstáculos a serem superados precisamente os conflitos e as mudanças climáticas. Por isso, Francisco referiu-se «ao debate

sobre a vulnerabilidade que a nível internacional divide quando se fala de migrantes. Não é aceitável – reafirmou – que, para evitar comprometer-se, nos escondamos por detrás de sofismas linguísticos que não honram

a democracia mas a reduzem, de “arte do possível”, para uma prática estéril a fim de justificar egoísmos e inatividades».

PÁGINAS 8 E 9

No Catecismo da Igreja católica

Fazer progredir a doutrina



Não se pode guardar a doutrina «sem a fazer progredir». E não se pode fazer dela «uma leitura rígida e imutável, sem humilhar a ação do Espírito Santo». A comemoração do vigésimo quinto aniversário do Catecismo da Igreja católica, celebrada na tarde de 11 de outubro no Vaticano, ofereceu a Francisco a ocasião para uma reflexão clara e argumentada acerca do binómio «guardar e progredir», no qual – recordou – está encerrada uma «missão» que «compete à Igreja pela sua própria natureza» em virtude do anúncio do Evangelho.

PÁGINA 11

Anunciado durante o Angelus na conclusão da missa para as canonizações

Um sínodo para a Amazônia

«Uma assembleia especial do Sínodo dos bispos para a região pan-amazônica, a realizar em Roma no mês de outubro de 2019», foi anunciada pelo Papa no Angelus de domingo 15 de outubro, recitado no adro da Basílica de São Pedro no final da missa para as canonizações.

«Finalidade principal desta convocação – explicou o Pontífice – é encontrar novos caminhos para a evangelização daquela porção de povo de Deus, sobretudo dos indígenas, muitas vezes esquecidos e sem a perspectiva de um futuro sereno». Durante a celebração eucarística Francisco proclamou santos trinta mártires brasileiros, três mártires mexicanos e dois sacerdotes, um escolápio espanhol e um capuchinho italiano.

PÁGINA 7

Para o jubileu de Aparecida

Solidariedade e firmeza na fé



Krzysztof Pajak, «Amazônia» (detalhe)

PÁGINA 13

Escutar os cristãos vítimas de guerras e perseguições

Diante da situação dos cristãos orientais que experimentam as consequências de guerras, terrorismo e perseguições, o Pontifício Instituto Oriental é chamado a pôr-se «em escuta orante» para «procurar novos caminhos a percorrer». Escreveu o Papa Francisco na mensagem enviada ao cardeal Leonardo Sandri por ocasião do centenário do instituto fundado por Bento XV em 1917.



Ao venerado Irmão
Cardeal LEONARDO SANDRI
Grão-Chanceler
do Pontifício Instituto Oriental

Por ocasião dos cem anos de fundação do Pontifício Instituto Oriental, poucos meses depois de outro centenário, o da Congregação para as Igrejas Orientais (cf. Bento XV, Motu proprio *Dei Providentis*, 1 de maio de 1917), é-me grato dirigir uma cordial saudação a Vossa Eminência, venerado Irmão, e a toda a Comunidade Acadêmica.

Antecipando de quase meio século o Decreto Conciliar *Orientalium Ecclesiarum*, o meu venerado Predecessor quis chamar a atenção para a extraordinária riqueza das Igrejas orientais fundando, precisamente aqui em Roma a 15 de outubro de 1917, o Pontifício Instituto Oriental. Mesmo no meio do turbulento primeiro conflito mundial, o Pontífice soube reservar às Igrejas do Oriente uma especial atenção.

Para esta fundação, Bento XV fez referência à abertura ao Oriente começada no Congresso eucarístico de Jerusalém de 1893, na esperança de criar um centro de estudos, que deveria ter sido – como foi afirmado em seguida no documento fundador – «uma idónea sede de estudos superiores sobre as questões orientais», destinada a formar «também os sacerdotes Latinos que quiserem exercer o sagrado ministério junto dos Orientais». Desde o início pretendia-se que «este centro de estudos [estivesse] aberto também aos Orientais, quer aos unidos, quer aos chamados ortodoxos», de tal maneira que «[procedesse] contemporaneamente, e em igual medida, à ex-

posição da doutrina católica e da ortodoxa» (Bento XV, *Orientalium Ecclesiarum*, 15 de outubro de 1917: AAS 9 [1917], 532). Com este esclarecimento, o fundador colocava a nova instituição num horizonte que hoje podemos classificar eminentemente ecumênico.

Para resolver os problemas iniciais do Instituto, Pio XI, acolhendo a sugestão do primeiro reitor, o beato Ildefonso Schuster, em 1922 decidiu confiá-lo à Companhia de Jesus (Carta *Decessor Noster*, 14 de setembro de 1922: AAS 14 [1922], 545-546), e sucessivamente atribuiu ao Instituto, junto da Basílica de Santa Maria Maior, uma sede própria, que foi inaugurada a 14 de novembro de 1926.

Em 1928, com a Encíclica *Rerum Orientalium* sobre a promoção dos estudos orientais, o Papa convidava vivamente os bispos a enviar estudantes para o Instituto Oriental, de maneira a garantir em cada seminário a presença de um professor capaz de transmitir pelo menos alguns elementos dos estudos orientais (cf. AAS 20 [1928], 283-284). A essa Encíclica seguiu-se, em menos de um mês, o Motu Proprio *Quod maxime*, que agrupava a Universidade Gregoriana e os Institutos Bíblico e Oriental (cf. AAS 20 [1928], 310). No ano seguinte, Pio XI procedeu à fundação, ao lado do Instituto Oriental, do Colégio *Russicum*, cuja direção confiou também à Companhia de Jesus (cf. Const. ap. *Quam curam*, 15 de agosto de 1929: AAS 22 [1930], 146-148).

Desde então, a maior novidade foi, em 1971, a fundação da Faculdade de Direito Canônico Oriental, até hoje a única existente (cf. Congr. para a Educ. Cat., Decr. *Canonicae Orientalium*, 7 de julho de 1971: AAS 63 [1971], 791-792), ao lado da que se identificava com o Instituto e que, a partir daquele momento, passou a chamar-se Faculdade de Ciências Eclesiásticas Orientais, articulada em três secções: teológico-patristica, litúrgica e histórica.

Outra importante novidade foi depois a transferência – ocorrida em 1993 – do título de Grão-Chanceler do Instituto Oriental do Prefeito da Congregação para a Educação Católica para o Prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais. Deste modo, continuando a competência propriamente académica sobre o Instituto a ser exercida pela Congregação para a Educação Católica, as duas instituições “orientais”, que aliás nasceram no mesmo ano, eram chamadas a «promover uma colaboração mais estreita e unidade de propósitos» no serviço do Oriente cristão

(Rescrito da Secretaria de Estado, 31 de maio de 1993).

O olhar sobre a história levamos a questionar-nos acerca da *missio* que este Instituto deverá realizar no futuro.

Se na sua fase inicial foi sentida uma certa conflitualidade entre estudo e pastoral, hoje devemos reconhecer que esta antinomia não existe. Não se trata de dizer «aut...aut», mas sim, «et...et». Por conseguinte, convido os professores a pôr no primeiro lugar dos seus compromissos a pesquisa científica, a exemplo dos predecessores que se distinguiram na produção de contributos prestigiosos, de monografias eruditas, de meticolosas edições das fontes litúrgicas litúrgicas, espirituais, arqueológicas e canônicas, até de audazes obras coletivas, como a publicação das *Actas do Concilium Florentinum* e a edição crítica das *Anaphorae Syriacae*. Além disso, todos conhecem a contribui-



Bento XV no seu estúdio

ção que os professores do Instituto deram, primeiro à redação dos Documentos conciliares *Orientalium Ecclesiarum* e *Unitatis redintegratio* (1964), e sucessivamente à preparação do *Codex Canonum Ecclesiarum Orientalium* (1990).

Por outro lado, os tempos em que vivemos e os desafios que a guerra e o ódio levam às próprias raízes da convivência pacífica nas martirizadas terras do Oriente, veem mais uma vez o Instituto, precisamente como há cem anos, no centro de uma encruzilhada providencial.

Mantendo intactas a atenção e a aplicação à pesquisa tradicional, convido todos a oferecer àquelas Igrejas e a toda a comunidade eclesial a capacidade de escuta da vida e

de reflexão teológica para ajudar a apoiar a sua existência e o seu caminho. Muitos dos estudantes e dos professores sentem este importante momento da história. Este Instituto, graças à pesquisa, ao ensino e ao testemunho, tem a tarefa de ajudar estes nossos irmãos e irmãs a fortalecer e consolidar a própria fé face aos terríveis desafios que estão a enfrentar. Está chamado a ser o lugar propício para favorecer a formação de homens e mulheres, seminaristas, sacerdotes e leigos, capazes de dizer a razão da esperança que os anima e os ampara (cf. *1 Pd* 3, 15), assim como de colaborar na missão reconciliadora de Cristo (cf. *2 Cor* 5, 18).

Exorto os professores a manter-se abertos a todas as Igrejas orientais, consideradas não só na sua configuração antiga, mas também na atual difusão e por vezes atormentada dispersão geográfica. Depois, no respeitante às veneradas Igrejas orientais, com as quais ainda estamos a caminho rumo à plena comunhão e que prosseguem autonomamente o seu percurso, o Pontifício Instituto Oriental tem uma missão ecuménica para levar por diante, através do cuidado das relações fraternas, do estudo aprofundado das questões que ainda parecem dividir-nos e da colaboração concreta sobre temas de primordial importância, na expectativa de que, quando o Senhor quiser e da maneira que só Ele conhece, «todos sejam um» (*Jó* 17, 21). A este propósito, a presença crescente de estudantes pertencentes às Igrejas orientais não católicas confirma a confiança que elas têm no Instituto Oriental.

Por outro lado, é também tarefa do Instituto dar a conhecer ao mundo ocidental os tesouros das ricas tradições das Igrejas orientais, de maneira que elas sejam compreensíveis e possam ser assimiladas.

Constatando que muitos estudantes dos vários colégios orientais de Roma frequentam Ateneus nos quais recebem uma formação nem sempre plenamente adequadas às suas tradições, convido a refletir sobre o que se poderia fazer para colmar esta lacuna.

Com a derrocada dos regimes totalitários e das várias ditaduras, que nalguns países infelizmente criou condições favoráveis à propagação do terrorismo internacional, os cristãos das Igrejas orientais estão a viver o drama das perseguições e uma diáspora cada vez mais preocupante. Sobre estas situações ninguém pode fechar os olhos. Como porção de «Igreja em saída» (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 20-24), o Institu-

CONTINUA NA PÁGINA 3

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.
diretor-geral

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +39069899480; fax +39069885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 0055121042036, e-mail: ossrom@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

Homilia na missa em Santa Maria Maior

Bater à porta do coração de Deus

Para rezar é necessário ter «a coragem da fé: ter a confiança de que o Senhor nos ouve», recordou o Papa Francisco na homilia da santa missa celebrada na manhã de 12 de outubro, na basílica romana de Santa Maria Maior, por ocasião do centenário da Congregação para as Igrejas orientais e do Pontifício Instituto Oriental. Eis as palavras do Pontífice.

Prezados irmãos e irmãs!

Hoje damos graças ao Senhor pela fundação da Congregação para as Igrejas Orientais e do Pontifício Instituto Oriental, por iniciativa do Papa Bento XV, ocorrida há cem anos, em 1917. Naquela época enfurecia a primeira guerra mundial; hoje — como já tive a ocasião de dizer — nós vivemos outra guerra mundial, mas em pedaços. E vemos muitos dos nossos irmãos e irmãs cristãos das Igrejas orientais experimentar perse-

guiões dramáticas e uma diáspora cada vez mais inquietante. Isto faz surgir numerosas interrogações, muitos «porquês», que se assemelham aos da primeira Leitura de hoje, tirada do livro de Malaquias (3, 13-20a).

O Senhor lamenta-se com o seu povo, dizendo: «Tendes proferido palavras violentas contra mim. E perguntais: “O que foi que dissemos contra Vós?”. Dissestes: “É trabalho perdido servir a Deus. Que ganhamos com a obediência às suas ordens e com as procissões de luto diante do Senhor dos exércitos? Agora, consideramos ditosos os arrogantes, e prosperam quantos cometem a iniquidade; até ousam tentar a Deus, escapando ao castigo» (vv. 13-15).

Quantas vezes também nós vivemos esta experiência, e quantas vezes a ouvimos nas confidências e nas confissões das pessoas que nos abrem o seu coração. Vemos os mal-



vados, aquelas pessoas sem escrúpulos que fazem os seus próprios interesses esmagando os outros, e parece que para elas as coisas correm bem: obtêm o que querem e só pensam em gozar a vida. Daí a pergunta: «Porquê Senhor?».

Estes «porquês», que aparecem também na Sagrada Escritura, inclusive todos nós os formulamos. E a

eles responde a própria Palavra de Deus. Precisamente neste trecho do profeta Malaquias lemos: «O Senhor ouviu com atenção: diante dele foi escrito o livro que conserva a memória daqueles que temem o Senhor e respeitam o seu nome» (v. 16). Portanto, Deus não se esquece dos seus filhos, a sua memória é para os justos, para aqueles que sofrem, que são oprimidos e que se interrogam: «porquê?» e no entanto sem deixar de confiar no Senhor.

Quantas vezes a Virgem Maria, no seu caminho, se perguntou «porquê?»; mas no seu coração, que meditava todas as coisas, a graça de Deus fazia resplandecer a fé e a esperança.

E existe uma maneira de fazer brecha na memória de Deus: a nossa oração, como nos ensina o trecho evangélico que acabamos de ouvir (cf. *Lc* 11, 5-13).

Quando rezamos devemos ter a coragem da fé: ter a confiança de que o Senhor nos ouve, a coragem de bater à porta. É o Senhor quem o diz: «Todo aquele que pede, recebe; aquele que procura, acha; e aos que baterem à porta, ela abrir-se-lhes-á» (v. 10). E para isso é necessário ter coragem!

Mas eu pergunto-me: a nossa oração é realmente assim? Ela abrangemos verdadeiramente, envolve o nosso coração e a nossa vida? Sabemos bater à porta do Coração de Deus? No fim do trecho evangélico (cf. vv. 11-13), Jesus diz: qual é o pai entre vós que, se o filho lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vós fordes pais, fareis o bem aos vossos filhos. E depois acrescenta: se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai celestial... E esperamos que prossiga, dizendo: dará coisas boas a vós. Mas não, não diz assim! Diz: dará o Espírito Santo aos que lho pedirem. O dom é exatamente este, este é o «a mais» de Deus. Aquilo que o Senhor, o Pai nos dá em acréscimo é o Espírito: eis a verdadeira dádiva do Pai. O homem bate à porta de Deus com a oração, para lhe pedir uma graça. E Ele, que é Pai, dar-me-á isto e ainda mais: o dom, o Espírito Santo.

Irmãos e irmãs, aprendamos a bater à porta do Coração de Deus! E aprendamos a fazê-lo intrepidamente. Que esta prece corajosa inspire e alimente também o vosso serviço no seio da Igreja. Desta maneira, o vosso compromisso dará «fruto na época própria» e vós sereis como árvores cuja «folhagem nunca murcha» (cf. *Sf* 1, 3).

Celebração com um convidado de honra

Um duplice aniversário celebrado com um convidado de honra: o Papa Francisco. Foi assim que, na manhã de 12 de outubro, se festejou o centenário da Congregação para as Igrejas orientais e do Pontifício Instituto Oriental (Pio).

O primeiro momento teve lugar na sede do Pio, que se encontra na praça romana de Santa Maria Maior, onde o Papa Francisco foi recebido pelo regente da Prefeitura da Casa pontifícia, monsenhor Leonardo Sapienza, juntamente com os superiores do dicastério, os patriarcas, os arcebispos-mores e metropolitas *sui iuris*, o prepositório-geral da Companhia de Jesus, Arturo Sosa Abascal, e o reitor do Pio, o jesuíta David Nazar.

Depois das saudações, o Papa dirigiu-se ao jardim do instituto, onde estavam à sua espera profes-

sos e estudantes. Francisco, após de ter abençoado os presentes, aproximou-se do cipreste plantado no centro do jardim para o benzer. Sucessivamente, no salão nobre, o Santo Padre benzeu também um quadro, obra de Paul Mulla, que recorda a sua visita a Lesbos.

Logo a seguir, o Pontífice transferiu-se para a basílica de Santa Maria Maior onde presidiu à celebração eucarística como sinal de agradecimento ao Senhor pelo centenário do dicastério e do Pio.

No final da missa, o cardeal Sandri, prefeito da Congregação para as Igrejas orientais, dirigiu uma breve saudação ao Santo Padre e depois foi ao Pontifício Instituto Oriental, onde entregou ao prepositório-geral dos jesuítas e vice-chanceler do Pio, a carta apostólica do Papa Francisco.



Para o centenário do Pontifício Instituto Oriental

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

to Oriental é chamado a pôr-se em escuta orante, a fim de compreender o que o Senhor quer neste exato momento e, em coerência com o *magis* iniciano, procurar caminhos novos para percorrer. Tratar-se-á, por exemplo, de estimular os futuros pastores a infundir nos seus fiéis orientais, onde quer que estejam, um amor profundo pelas suas tradições e pelo seu rito de pertença; e, ao mesmo tempo, de sensibilizar os bispos das dioceses latinas a ocupar-se dos fiéis orientais geograficamente deslocados da própria hierarquia, garantindo aos indivíduos e às famílias uma adequada assistência espiritual e humana.

Dirijo um caloroso convite à Companhia de Jesus a concretizar, com a sagacidade hoje exigida,

quanto Pio XI prescrevia já em 1928 acerca do Consórcio Gregoriano, destinado a favorecer, juntamente com uma notável salvaguarda de homens e meios, uma maior unidade de intenções. Ao lado da *missio* cumprida, respetivamente, pela Universidade Gregoriana e pelo Instituto Bíblico, existe a não menos importante do Instituto Oriental. Por conseguinte, é urgente garantir a esta instituição um núcleo estável de formadores Jesuítas, que poderão ser louvavelmente coadjuvados por outros. Inspirando-se na pedagogia iniciano e servindo-se de um fecundo discernimento comum, os membros da comunidade, quer religiosa quer académica, saberão encontrar as formas mais adequadas para iniciar todos os que as Igrejas lhes quiserem confiar na disciplina austera da pesquisa e nas exigências da pastoral.

Unindo-me à ação de graças a Deus pelo trabalho realizado nestes 100 anos, faço votos de que o Pontifício Instituto Oriental prossiga com renovado impulso a própria missão, estudando e difundindo com amor e honestidade intelectual, com rigor científico e perspectiva pastoral as tradições das Igrejas orientais na sua variedade litúrgica, teológica, artística e canonista, respondendo cada vez melhor às expectativas do mundo de hoje a fim de criar um futuro de reconciliação e paz. Com estes votos concedo de coração a Vossa Eminência, venerado Irmão, e a toda a comunidade deste Instituto, uma especial Bênção Apostólica.

Vaticano, 12 de outubro de 2017

Franciscus

Para a cura pastoral dos sírio-malabares na Índia

Carta do Sumo Pontífice ao episcopado do país



O Papa Francisco autorizou a Congregação para as Igrejas Orientais a «providenciar à cura pastoral dos fiéis sírio-malabares em toda a Índia» através da criação de duas eparquias e da extensão territorial das fronteiras de duas já existentes. As motivações e o significado desta decisão foram explicados pelo Papa numa missiva enviada aos membros do episcopado do país, cujo texto publicamos em seguida.

Amados irmãos no Episcopado!

1. A admirável *varietas Ecclesiarum*, resultado do longo desenvolvimento histórico, cultural, espiritual e disciplinar, constitui um tesouro da Igreja, «*regina in vestitu deaurato circumdata variegata*»,¹ que espera o seu espócio com a fidelidade e a paciência da virgem sábia, com uma abundante reserva de óleo para que a luz da sua lâmpada possa iluminar todas as pessoas na longa noite da espera da chegada do Senhor.

Entre as terras e as nações, nas quais esta variedade da vida eclesial resplandece com grande esplendor, encontra-se também a Índia. A Igreja católica na Índia tem a sua origem na pregação do Apóstolo Tomé, e desenvolveu-se através dos contactos com as Igrejas de tradição caldeia e antioquina e, a partir do século XVI, graças aos esforços enviados pelos missionários latinos. Deste modo, a história do cristianismo neste grande país levou finalmente à configuração de três distintas Igrejas *sui iuris*, que correspondem a expressões eclesiais da mesma fé celebrada em diferentes ritos, correspondentes às três tradições litúrgicas, espirituais, teológicas e disciplinares. Não obstante ao longo da história esta situação tenha manifestado por vezes algumas tensões, hoje podemos admirar uma realidade cristã rica e formosa, complexa e ao mesmo tempo única.

2. Para a Igreja católica é essencial mostrar o seu semblante ao mundo em toda a sua beleza, ou seja, com a riqueza das suas tradições. Por este motivo, a Congregação para as Igrejas Orientais, que este ano celebra o seu centenário, desejada pela clarividência do Papa Bento XV em 1917, deu impulso ao restabelecimento, onde era necessário, das tradições católicas orientais, garantindo a salvaguarda e o respeito pela dignidade e pelos direitos destas antigas Igrejas.

3. O Concílio Vaticano II abraçou esta visão da Igreja e recordou a todos os fiéis a necessidade de guardar e preservar o tesouro da tradição particular de cada uma das Igrejas. «É também por isso que na comunhão eclesial existem legitimamente Igrejas particulares com tradições próprias, sem detrimento do primado da cátedra de Pedro, que preside à universal assembleia da caridade,² protege as legítimas diversidades e vigia para que as particularidades ajudem a unidade e não a prejudiquem de forma alguma».³

4. Como indica a *Lumen gentium*, compete ao Bispo de Roma favorecer a unidade na diversidade do Corpo de Cristo. Nesta tarefa, os Romanos Pontífices são fiéis intérpretes e executores da voz do Concílio Vaticano II, que exprime o desejo ardente de que as Igrejas Orientais, veneradas pela sua antiguidade, «floresçam e realizem com novo vigor apostólico a missão que lhes foi confiada»;⁴ não somente para que se tornem cada vez mais instrumento daquela «peculiar obrigação de favorecer... a unidade de todos os cristãos, principalmente dos orientais»,⁵ mas também, em virtude da «igual dignidade de que gozam [...], elas têm as mesmas obrigações, inclusive no que diz respeito à pregação do Evangelho no mundo inteiro».⁶

Há trinta anos o meu predecessor, de feliz memória, São João Paulo II, escreveu uma carta aos Bispos da Índia. Inspirando-se no Concílio Vaticano II, ele procurou aplicar o ensinamento conciliar no contexto indiano. Nesse país, mesmo depois de muitos séculos, os cristãos só constituem uma pequena parte da população e, por conseguinte, existe uma particular necessidade de manifestar a unidade e de evitar todas as aparências de divisão. No entanto, o santo Pontífice afirmou que esta carência de unidade e a preservação da diversidade não se opõem uma à outra. «Esta necessidade de ser fiel às tradições e à herança do próprio rito não pode, de maneira alguma, ser considerada como uma interferência na tarefa da Igreja, que consiste em “reconduzir à unidade todos os filhos de Deus dispersos pelo mundo” (Jo 11, 52), e nem sequer na missão da Igreja de promover a comunhão de todas as pessoas com o Redentor».⁷

5. Há cinco décadas, quando a Igreja sírio-malabar se difundiu em alguns territórios da Índia central e setentrional, mediante as «eparquias missionárias», era convicção geral dos Bispos latinos dispor de uma única jurisdição, ou seja, um bispo num determinado território. Hoje estas eparquias desmembradas das dioceses latinas têm uma jurisdição exclusiva sobre aqueles territórios, tanto sobre os fiéis latinos como sobre os sírio-malabares. Todavia, graças à experiência destas últimas décadas, que se desenvolveu quer nos territórios tradicionais das Igrejas orientais, quer no vasto mundo da chamada diáspora, onde estes fiéis se estabeleceram há tempos, a experiência de uma colaboração fecunda e harmoniosa entre os bispos católicos de diferentes Igrejas *sui iuris* num mesmo território demonstra não apenas uma justificação eclesiológica, mas também a utilidade pastoral desta solução. Num mundo em que um grande número de cristãos são obrigados a imigrar, as jurisdições sobrepostas já se tornaram habituais, revelando-se cada vez mais como instrumento eficaz para assegurar o cuidado pastoral aos fiéis,

no pleno respeito pelas suas tradições eclesiais.

6. Também na Índia, as jurisdições sobrepostas já não deveriam representar um problema. Desde há tempos a vossa Igreja vive esta experiência, por exemplo em Kerala. A carta de São João Paulo II autorizava a criação de uma eparquia sírio-malabar na região de Bombaim-Pune, que depois se tornou a Eparquia de Kalyan. Em 2012, a Eparquia de Faridabad dos sírio-malabares foi erigida na região de Deli e nos Estados confinantes; entretanto, os confins da Eparquia de Mandya foram ampliados em 2015, para abranger a área metropolitana de Bangalore. Nesse mesmo ano, foi erigida uma Eparquia e um Exarcado Apostólico para os fiéis sírio-malabares, de tal modo que, com estas Circunscrições Eclesiásticas, a Igreja sírio-malabar cuida dos seus fiéis no inteiro território da Índia.

Todos estes passos demonstram que, embora não sem problemas, dispor de mais bispos num mesmo território não compromete a missão da Igreja; pelo contrário, estes passos conferiram mais energia às Igrejas locais, para os seus esforços pastorais e missionários.

7. Em 2011, o meu predecessor Bento XVI manifestou a intenção de providenciar as necessidades pastorais dos fiéis sírio-malabares na Índia inteira, e eu mesmo, a seguir à sessão plenária da Congregação para as Igrejas Orientais, confirmei esta orientação em 2013. Atualmente existe um Visitador Apostólico para os fiéis sírio-malabares residentes na Índia fora do território próprio, na pessoa de Sua Excelência Reverendíssima D. Raphael Thattil, que forneceu relatórios detalhados à Sé Apostólica. Muitos encontros, nos níveis mais elevados da Igreja, continuaram a examinar esta questão. Agora, depois destes passos, considero que o tempo está maduro para completar este processo.

Portanto, autorizei a Congregação para as Igrejas Orientais a providenciar o cuidado pastoral dos fiéis sírio-malabares em toda a Índia, através da criação de duas Eparquias e da extensão das fronteiras de duas já existentes.

Além disso, determino que tanto as novas Circunscrições como as já existentes sejam confiadas ao Arcebispo-Mor de Ernakulam-Angamaly e ao Sinodo dos Bispos da Igreja sírio-malabar, segundo a norma do CCEO.

8. Faço votos a fim de que esta minha decisão seja recebida com espírito generoso e sereno, não obstante possa constituir um motivo de apreensão para alguns, uma vez que numerosos sírio-malabares, durante anos desprovidos do cuidado pastoral no rito que lhes é próprio, estão completamente imersos na vida da Igreja latina. No entanto, estou persuadido de que todas as partes interessadas hão de demonstrar que não há necessidade de se preocupar: a

vida da Igreja não será abalada pelas medidas em questão. Com efeito, esta nossa providência não deve ser interpretada negativamente, como uma imposição aos fiéis de deixar as comunhões nas quais encontraram acolhimento, às vezes por várias gerações, e para as quais contribuíram de diversas maneiras, mas sobretudo como um convite e, ao mesmo tempo como uma oportunidade de realizar o crescimento na fé e na comunhão com a própria Igreja *sui iuris*, conservando aquela inestimável herança ritual da qual são portadores, transmitindo-a inclusive às gerações vindouras. Já no contexto da Eparquia de Faridabad, uma Instrução da Congregação para as Igrejas Orientais indicou que um fiel sírio-malabar, em virtude da própria lei, é membro da paróquia sírio-malabar onde tem o seu domicílio (CCEO, cân. 280 § 1), mas também pode, ao mesmo tempo, participar plenamente na vida e nas atividades da paróquia da Igreja latina. Não é exigida dispensa alguma da lei em vigor, para que os fiéis possam dar continuidade pacífica e serena à sua vida de fé, mas com a solicitude dos pastores, tanto latinos como sírio-malabares.⁸

9. O caminho da Igreja católica na Índia não pode consistir no isolamento e na separação, mas principalmente no respeito e na colaboração. A presença de diversos bispos das várias Igrejas *sui iuris* num mesmo território poderá certamente ser motivo de belíssima e vivificante comunhão e testemunho. Esta é a visão do Concílio Vaticano II, que cito mais uma vez: «Daí [derivam], finalmente, os laços de íntima união entre as diversas partes da Igreja, quanto às riquezas espirituais, obreiros apostólicos e ajudas materiais. Pois os membros do Povo de Deus são chamados a repartir entre si os bens, valendo para cada Igreja as seguintes palavras do Apóstolo: “Cada um ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu, como bons administradores da multiforme graça de Deus” (1 Pd 4, 10)».⁹ Neste espírito, exorto todas as amadas Igrejas que vivem na Índia a ter generosidade e coragem de dar testemunho do Evangelho em espírito de fraternidade e de amor mútuo. Para a Igreja sírio-malabar, isto consiste na continuação do inestimável trabalho dos seus sacerdotes e religiosos nos ambientes latinos e na disponibilidade àqueles fiéis sírio-malabares que, não obstante tenham preferido frequentar as paróquias latinas, pedem al-

Audiência a fiéis do Sri Lanka

Sanar as feridas

A viagem ao Sri Lanka foi «uma graça especial para mim», revelou o Papa Francisco aos membros da comissão organizadora da sua visita a esse país asiático em 2015, recebidos em audiência na manhã de 13 de outubro na sala do Consistório. Eis o breve discurso que o Pontífice lhes dirigiu nessa ocasião.

Estimados amigos!

É-me grato dar as boas-vindas aos membros da Comissão organizadora da Visita Pastoral ao Sri Lanka, que realizei em janeiro de 2015. Saúdo cada um de vós, juntamente com os vossos cônjuges, que participam nesta peregrinação. Assim como vós me destes as boas-vindas à vossa terra e com tanto esmero organizastes a minha Visita, inclusive em colaboração

com a Conferência dos Bispos católicos do Sri Lanka, agora também eu vos ofereço as minhas calorosas boas-vindas; e, não obstante eu deseje que os nossos visitantes se sintam em casa, não posso retribuir com quarenta elefantes, como aqueles que me saudaram ao longo do caminho entre o aeroporto e a cidade de Colombo!

A possibilidade de visitar o vosso país foi uma graça especial para mim, no momento em que, depois de anos de conflito e de sofrimento, a nação lutava pela reconciliação e pela cicatrização das suas feridas. Comovi-me profundamente com o elevado número dos vossos concidadãos, de diferentes religiões e culturas, que vieram para me saudar no aeroporto e ao longo da estrada que leva para Colombo. Fiquei impres-



sionado também com a maravilhosa e emocionante celebração da canonização de São José Vaz, o grande missionário da Pérola do Oceano Índico, que foi certamente o momento mais elevado do período que transcorri no meio de vós, assim como com a numerosa multidão que se congregou ao redor do Santuário de Nossa Senhora de Madhu, símbolo

de salvaguarda e de reconciliação no Sri Lanka.

Reconsiderando com gratidão a minha Visita, agradeço-vos de maneira especial todo o vosso trabalho assíduo, muitas vezes escondido, que custou tanto tempo e tanta energia, para depois se tornar tão frutuosa. Estou grato também às vossas famílias, que fizeram muitos sacrifícios e vos encorajaram na vossa labuta. A vossa presença aqui hoje trouxe à nossa casa um pouco daquela flagrante atmosfera do Sri Lanka, e desta forma fez-nos recordar as copiosas graças divinas que, juntos, pudemos experimentar no vosso país.

Enquanto confio a população do Sri Lanka e os seus governantes à intercessão de Nossa Senhora de Madhu, invoco de coração a Bênção de Deus sobre cada um de vós, sobre as vossas famílias e sobre todos aqueles que colaboraram convosco na preparação da Visita, como penhor de paz e de fortaleza no Senhor.

Muito obrigado!

O Papa em Myanmar e Bangladesh

Programa da viagem

Três cidades numa semana – Nay Pyi Taw, Yangon e Dhaka – para se encontrar com as pequenas comunidades católicas de Myanmar e Bangladesh, mas também com as autoridades civis dos dois países e com os fiéis das principais religiões: em primeiro lugar budistas e depois muçulmanos. O programa oficial da visita à Ásia, que o Papa realizará de 26 de novembro a 2 de dezembro, foi divulgado a 10 de outubro pela Sala de imprensa da Santa Sé. Será a 21ª viagem internacional do pontificado, a terceira ao Oriente depois da Coreia em 2014 e do Sri Lanka e Filipinas em 2015.

A partida está prevista para a tarde de domingo 26 do aeroporto romano de Fiumicino, com chegada a Yangon às 13h00 do dia seguinte. Depois, de avião, Francisco irá a Nay Pyi Taw, capital de Myanmar onde, à tarde, terão lugar a cerimónia de boas-vindas no palácio presidencial, com a visita de cortesia ao presidente Htin Kyaw; o encontro com a conselheira de Estado e ministra dos Negócios estrangeiros, Aung San Suu Kyi; e o discurso às autoridades no International con-

vention centre. No final da tarde, regresso a Yangon para pernoitar no arcebispado. Na manhã do dia 29, na ex-capital, o Papa celebrará a missa e à tarde encontrar-se-á com o conselho supremo “Sangha” dos monges budistas e depois com os bispos de Myanmar. No dia 30, antes de se despedir do país, presidirá à Eucaristia para os jovens na catedral de Saint Mary.

A tarde, transferência para Bangladesh, com a cerimónia de boas-vindas no aeroporto de Dhaka; a visita ao memorial dos mártires de Savar; a homenagem ao pai da nação do Bangabandhu memorial museum; a visita de cortesia ao presidente Abdul Hamid; e o encontro com as autoridades. O dia 1 de dezembro começará com a missa no Suhrawardy Udyan Park, durante a qual o Papa ordenará alguns sacerdotes. À tarde, encontrar-se-á na sede da nunciatura com o primeiro-ministro Sheikh Hasina Wajed e, sucessivamente, com os bispos de Bangladesh. Por fim, no jardim do arcebispado, encontro inter-religioso e ecuménico em prol da paz.

No dia 2 Francisco visitará privadamente a casa Madre Teresa em

Tejgaon, gerida pelas missionárias da caridade. Em seguida terão lugar o encontro com o clero católico; e a visita ao cemitério paroquial e à antiga igreja do Santo Rosário. Por fim, Francisco encontrar-se-á com os jovens de Bangladesh no Notre Dame College de Dhaka, antes de regressar a Roma. A chegada a Ciampino está prevista aproximadamente às 23h00.

Ao episcopado sírio-malabar

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

um tipo de assistência à sua Igreja de origem. Da parte dos latinos, esta generosidade pode adquirir a forma de acolhimento, nos seus edifícios, das comunidades sírio-malabares que ainda não providenciaram aos próprios. Além disso, deve prosseguir a cooperação entre todas as Igrejas *sui iuris*, como retiros e seminários para o clero, congressos sobre a Bíblia, celebração das festas comuns e esforços no campo do ecumenismo. Com o crescimento de amizades espirituais e da assistência recíproca, todas as tensões ou apreensões deveriam ser superadas rapidamente. Esta extensão dos espaços pastorais da Igreja sírio-malabar não seja sentida de forma alguma como um aumento de espaços de poder e de domínio, mas como o chamado a viver uma comunhão mais profunda, que nunca pode ser entendida como uniformidade. Com as palavras do santo bispo Agostinho, cantor da Trindade e da admirável comunhão do Pai e do Filho e do Espírito, também eu vos recomendo, vos suplico: «*Dilatentur spatia caritatis*».¹⁰ Que se dilatam o amor, a comunhão e o serviço.

Amados irmãos no Episcopado, confio cada um de vós à intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, asseguro-vos a minha proximidade e

as minhas orações. Concedo a minha Bênção apostólica a vós, à Igreja na Índia e ao seu nobre povo, peço-vos que não vos esqueçais de mim nas vossas preces.

Vaticano, 9 de outubro de 2017

FRANCISCO

¹ Tirado do Salmo 44, citado também por Leão XIII na introdução da sua Carta Apostólica *Orientalium dignitas*, de 30 de novembro de 1894.

² Cf. Santo Inácio Mártir, *Ad Rom.*, Praef.: ed. Funk 1, p. 252.

³ Concílio Ecum. Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen gentium*, 13.

⁴ Concílio Ecum. Vaticano II, Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, 1.

⁵ *Ibid.*, n. 24.

⁶ *Ibid.*, n. 3.

⁷ *Epistula ad Indiae Episcopos*, die 28 maii 1987.

⁸ Cf. Prot. n. 197/2014 de 28 de janeiro de 2016.

⁹ Concílio Ecum. Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen gentium*, 13.

¹⁰ Santo Agostinho, *Sermo* 69: PL 5, 440.441.

Com sacerdotes de Lião



Na manhã de 5 de outubro o Pontífice recebeu em audiência na Sala Clementina cerca de cem sacerdotes da arquidiocese francesa de Lião

Protomártires do novo continente

Em conversa com o cardeal Angelo Amato

NICOLA GORI

Dois recordes foram batidos nas canonizações de domingo 15 de outubro. O Papa inscreveu no álbum dos santos os protomártires do México e do Brasil: três adolescentes e um grupo de trinta mártires, que representam os primeiros frutos da evangelização feita pelos missionários espanhóis após a descoberta do novo continente. A eles acrescentam-se dois sacerdotes religiosos: um capuchinho e um escolápio fundador de um instituto de religiosas. Falou disto nesta entrevista a L'Osservatore Romano o cardeal Angelo Amato, prefeito da Congregação para as causas dos santos.

Quem são os novos santos canonizados na praça de São Pedro?

Trata-se de três mártires mexicanos, de trinta mártires brasileiros e de dois presbíteros: o capuchinho italiano Angelo de Acri, e o escolápio espanhol Faustino Míguez. São figuras que mostram o rosto santo da Igreja não só no México, Brasil, Itália e Espanha, mas no mundo inteiro.

Pode traçar os seus perfis biográficos e espirituais?

Depois da canonização (13 de maio de 2017) em Fátima dos dois pequenos videntes Francisco e Jacinta Marto, a 15 de outubro o Papa canonizou mais três crianças, os chamados "protomártires do México", pré-adolescentes de 11-12 anos, assassinados por ódio à fé de 1527 a 1529.

Como foram martirizados?

Mencionemos antes de tudo o de Cristóvão, filho de 12 anos de um dos quatro senhores de Tlaxcala. Era o primogénito, o filho predileto do seu pai. Com os irmãos frequentava a missão dos franciscanos para a formação cultural e espiritual. Os missionários procuravam educar os jovens a extirpar a erva daninha da idolatria. Cristóvão dedicava-se de modo especial à conversão do pai, exortando-o a evitar a embriaguez, a violência e a poligamia. Dado que não era ouvido, começou a recolher pequenas estátuas de ídolos para as destruir. A reação do pai foi feroz: um dia atraiu o filho com um engano e espancou-o de modo selvagem com um grande bastão de carvalho, ferindo-o mortalmente e arremessando-o no fogo. Dois anos mais tarde, em 1529, teve lugar o martírio das outras duas crianças, António e João, que se tinham oferecido para acompanhar alguns missionários dominicanos. As crianças estavam cientes de que se expunham ao perigo real de uma morte que podia ser semelhante à crucificação de São Pedro, à degolação de São Paulo e ao martírio de São Bartolomeu. Depois de alguns dias de apostolado numa cidade próxima a Tlaxcala, foram assassinados, também eles espancados, por causa da sua rejeição da idolatria.

Que dizem os protomártires do México aos homens do nosso tempo?

Antes de tudo convidam os batizados a viver a fé com alegria e coragem. Embora pequeninos, eles tornaram-se missionários do Evangelho, foram grandes evangelizadores do povo. O martírio revela ainda a sua extraordinária força que, no decorrer dos séculos, serviu de exemplo a muitos fiéis mexicanos, apoiando-os nos períodos obscuros da perseguição religiosa. Foi o testemunho martirial que, nos anos vinte do século passado, deu à Igreja e ao mundo o santo de 14 anos José Sánchez del Río, o qual apesar de ter sido cruelmente torturado pelos seus agressores, se dirigiu com alegria ao suplício, gritando o seu amor a Jesus e à Virgem de Guadalupe.

É uma mensagem oportuna em vista do próximo sínodo sobre os jovens?

Certamente. Também os jovens de hoje podem ser protagonistas de santidade e de apostolado.

O que nos pode dizer sobre os mártires brasileiros?

Trata-se de trinta católicos de todas as idades assassinados em Natal,

no nordeste do país, em 1645, em tempos diversos. O primeiro massacre ocorreu durante a celebração da missa, na capela de Nossa Senhora da Purificação. Foram assassinadas mais de setenta pessoas, e delas conhecem-se só os nomes do celebrante, padre André De Soveral, pároco de Cunhaú, e do leigo Domingos Carvalho. O segundo extermínio teve lugar depois de cerca de três meses, a 3 de outubro de 1645, em Uruaçu, onde o padre Ambrósio Francisco Ferro e os seus fiéis foram cruelmente sequestrados e assassinados por ódio à fé. Entre os mártires de Uruaçu, além do sacerdote, conhecem-se os nomes de vinte e oito entre homens, mulheres, jovens e crianças. Estas corajosas testemunhas do Evangelho são chamadas "mártires do Rio Grande do Norte" e consideradas os protomártires do Brasil.

Quem era o capuchinho Angelo de Acri, que viveu de 1669 a 1739?

Além dos mártires, o Papa canonizou no domingo dois "confessores", chamados assim porque testemunharam de modo heroico o Evangelho durante toda a vida, "confessando"

abertamente o próprio amor a Deus, à Igreja e à humanidade necessitada. O padre Angelo, originário de Acri, na província de Cosenza, durante cerca de quarenta anos percorreu incansavelmente a Calábria e boa parte da Itália meridional pregando quaresmas, exercícios espirituais e missões populares. Ciente de que o pregador que não espera no confessorário é como o semeador que não colhe, dedicava muitas horas à escuta e à absolvição dos penitentes. Era solícito em todas as horas do dia e da noite no atendimento aos doentes que pediam a sua assistência espiritual. Possuía o dom dos milagres, dos êxtases, da profecia, da bilocação, das curas e da compreensão dos corações. Foi chamado pelos contemporâneos "o apóstolo das Calábrias". A sua fama de santidade ainda hoje é vivíssima no território.

É mais contemporânea a figura de Faustino Míguez, sacerdote escolápio e fundador de um instituto religioso feminino, que viveu de 1831 a 1925.

CONTINUA NA PÁGINA 10

Vítimas da perseguição no Brasil

ULDERICO PARENTE*

No panorama das guerras de religião, que ensanguentaram a Europa e os países por ela colonizados nos séculos XVI e XVII, deve ser enquadrada a vicissitude do martírio do padre André de Soveral, do padre Ambrósio Francisco Ferro, de Mateus Moreira e dos seus 27 companheiros, que – beatificados no dia 5 de março de 2000 por João Paulo II – foram canonizados pelo Papa Francisco no domingo 15 de outubro, na praça de São Pedro.

A evangelização no Rio Grande do Norte, Estado do nordeste brasileiro, foi iniciada em 1597 por missionários jesuítas e por sacerdotes diocesanos, provenientes do Portugal católico, com a catequese dos índios e com a formação das primeiras comunidades cristãs.

Nas décadas seguintes desembarcaram franceses e holandeses, intencionados a expulsar os portugueses dos lugares colonizados; em 1630 os holandeses conseguiram predominar na região do nordeste. De religião calvinista e acompanhados pelos seus pastores, eles provocaram na região, até então pacífica, uma forte conflitualidade, pelo que havia restrição da liberdade de culto e os católicos passaram a ser perseguidos.

É neste contexto que se insere o massacre dos mártires de Natal, que se articulou em duas fases. O primeiro episódio verificou-se a 16 de julho de 1645, em Cunhaú, perto da igreja de Nossa Senhora da Purificação ou das Candeias, guiada pelo padre André de Soveral; o segundo teve lugar a 3 de outubro seguinte, em Uruaçu, na igreja de Nossa Senhora da Apresentação, guiada pelo padre Ambrósio Francisco Ferro.



Monumento aos mártires em São Gonçalo do Amarante

Ambas as comunidades foram vítimas da dura perseguição religiosa; há pouquíssimas notícias relativas aos mártires individualmente, mas vários e confiáveis escritores do século XVII narraram detalhadamente os episódios, transmitindo uma sua memória historicamente certa.

O padre André de Soveral, pároco de Cunhaú, nasceu em 1572 em São Vicente, na ilha de Santos; depois de ter estudado num colégio, fundado pelos jesuítas em 1553, com 21 anos entrou na Companhia de Jesus, fazendo o noviciado na Bahia. Após ter concluído os estudos, foi enviado a Olinda no Pernambuco, centro missionário para a catequese dos índios de toda a vasta região. Em 1606 foi confirmada a sua presença entre os índios do Rio Grande do Norte. Tornou-se membro do clero diocesano e pároco de

Cunhaú, na época do martírio tinha 73 anos.

No domingo 16 de julho de 1645, como era costume, o padre André de Soveral tinha reunido na igreja de Nossa Senhora das Candeias, os fiéis para a celebração da missa. Os cerca de setenta presentes eram na maior parte camponeses e trabalhadores na cultura de cana de açúcar, todos de Cunhaú.

No início da celebração apresentou-se na igreja Jacó Rabe, alemão, anunciando algumas comunicações por parte das autoridades governamentais. Depois da consagração, uma esquadra de soldados holandeses com vários índios das tribos dos Tapuias e Potiguares, todos armados, irrompeu no templo, trancou as portas e atacou ferozmente os fiéis indefesos. O padre André de

CONTINUA NA PÁGINA 10



«Uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica, a realizar em Roma no mês de outubro de 2019» foi anunciada pelo Papa no Angelus de 15 de outubro, recitado no adro da basílica de São Pedro no final da missa de canonização.

Amados irmãos e irmãs!

No final desta celebração, saúdo cordialmente todos vós, que viestes de vários países para prestar home-

nagem aos novos Santos. Dirijo um atencioso pensamento de modo especial às delegações oficiais do Brasil, França, Itália, Ordem de Malta e Espanha. O exemplo e a intercessão

Um sínodo para a Amazônia

Em Roma no mês de outubro de 2019

destas luminosas testemunhas do Evangelho nos acompanhem no nosso caminho e nos ajudem a promover sempre relações fraternas e solidárias, para o bem da Igreja e da sociedade.

Acolhendo o desejo de algumas Conferências Episcopais da América Latina, assim como a voz de diversos Pastores e fiéis de outras partes do mundo, decidi convocar uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica, que terá lugar em Roma no mês de outubro de 2019. Finalidade principal desta convocação é encontrar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, sobretudo dos indígenas, muitas vezes esquecidos e sem a perspectiva de um

futuro sereno, também por causa da crise da floresta Amazônica, pulmão de importância fundamental para o nosso planeta. Os novos Santos intercedam por este evento eclesial, para que, no respeito da beleza da criação, todos os povos da terra louvem a Deus, Senhor do universo, e por Ele iluminados percorram caminhos de justiça e de paz.

Recordo também que depois de amanhã se celebra o *Dia da rejeição da miséria*. A miséria não é uma fatalidade: tem causas que devem ser reconhecidas e removidas, para honrar a dignidade de tantos irmãos e irmãs, a exemplo dos santos.

E agora dirijamo-nos em oração à Virgem Maria.

Angelus Domini...

Na missa para as canonizações o Papa comentou o banquete de núpcias

Com as vestes do amor

«Temos a necessidade de nos revestirmos cada dia com o seu amor, de renovarmos diariamente a escolha de Deus. Os Santos hoje canonizados, sobretudo os numerosos Mártires, indicam este caminho», afirmou o Papa Francisco, comentando a parábola que compara o Reino de Deus com uma festa de casamento (Mt 22, 1-14). Fê-lo durante a santa missa com o rito de canonização, celebrada na manhã de domingo 15 de outubro, na praça de São Pedro. Publicamos a seguir a homília do Pontífice.

A parábola que ouvimos fala-nos do Reino de Deus, comparando-o a uma festa de núpcias (Mt 22, 1-14). Protagonista é o filho do rei, o noivo, no qual facilmente se vislumbra Jesus. Na parábola, porém, nunca se fala da noiva, mas de muitos convidados, desejados e esperados: são eles que trazem a veste nupcial. Tais convidados somos nós, todos nós, porque o Senhor deseja «celebrar as bodas» com cada um de nós. As núpcias inauguram uma comunhão total de vida: é o que Deus deseja ter com cada um de nós. Por isso o nosso relacionamento com Ele não se pode limitar ao dos devotados súbditos com o rei, ao dos servos fiéis com o patrão ou ao dos alunos diligentes com o mestre mas é, antes de tudo, o relacionamento da noiva amada com o noivo. Por outras palavras, o Senhor deseja-nos, procura-nos e convida-nos, e não se contenta com o nosso bom cumprimento dos deveres e a observância das suas leis, mas quer uma verdadeira e própria comunhão de vida conosco, uma relação feita de diálogo, confiança e perdão.

Esta é a vida cristã, uma história de amor com Deus, na qual quem to-

ma gratuitamente a iniciativa é o Senhor e nenhum de nós pode gloriar-se de ter a exclusividade do convite: ninguém é privilegiado relativamente aos outros, mas cada um é privilegiado diante de Deus. Deste amor gratuito, terno e privilegiado, nasce e renasce incessantemente a vida cristã. Podemos interrogar-nos se, ao menos uma vez por dia, confessamos ao Senhor o amor que lhe temos; se, entre tantas palavras de cada dia, nos lembramos de lhe dizer: «Amo-vos, Senhor. Vós sois a minha vida». Com efeito, se se perde de vista o amor, a vida cristã torna-se estéril, torna-se um corpo sem alma, uma moral impossível, um conjunto de princípios e leis a respeitar sem um porquê. Ao contrário, o Deus da vida espera uma resposta de vida, o Senhor do amor espera uma resposta de amor. No livro do Apocalipse Ele, dirigindo-se a uma das Igrejas, faz-lhe concretamente esta censura: «Abandonaste o teu primitivo amor» (2, 4). Aqui está o perigo: uma vida cristã rotineira, onde nos contentamos com a «normalidade», sem zelo nem entusiasmo e com a memória curta. Em vez disso, reavivemos a memória do primitivo amor: somos os amados, os convidados para as núpcias, e a nossa vida é um dom, sendo-nos dada em cada



dia a magnífica oportunidade de responder ao convite.

Mas o Evangelho adverte-nos: o convite *pode ser recusado*. Muitos convidados disseram que não, porque estavam presos aos próprios interesses: «Eles, sem se importarem — diz o texto — foram um para o seu campo, outro para o seu negócio» (Mt 22, 5). Uma palavra reaparece: *seu*; é a chave para entender o motivo da recusa. De facto, os convida-

dos não pensavam que as núpcias fossem tristes ou chatas, mas simplesmente «não se importaram»: viviam distraídos com os seus interesses, preferiam ter qualquer coisa em vez de se comprometer, como o amor exige. Vemos aqui como se afasta do amor, não por malvadez, mas porque se prefere o *seu*: as seguranças, a autoafirmação, as comodidades... Então reclinamo-nos nas poltronas dos lucros, dos prazeres, de qualquer passatempo que nos faça estar um pouco alegres. Mas deste modo envelhece-se depressa e mal, porque se envelhece dentro: quando o coração não se dilata, fecha-se, envelhece. E quando tudo fica dependente do próprio eu — daquilo com que concordo, daquilo que me serve, daquilo que pretendo — tornamo-nos rígidos e maus, reagimos maltratando por nada, como



O Papa visitou a Fao no dia mundial da alimentação

Guerras e mudanças climáticas na origem da fome

«Guerras e mudanças climáticas determinam a fome; portanto, evitemos apresentá-la como uma doença incurável», ressaltou o Papa Francisco inaugurando na manhã de 16 de outubro, na sede da Organização das nações unidas para a alimentação e a agricultura (Fao) em Roma, o Dia mundial da alimentação. Publicamos a nossa tradução do discurso pronunciado pelo Pontífice em espanhol.

Senhor Diretor-Geral Distintas Autoridades Senhoras e Senhores!

Agradeço o convite e as palavras de boas-vindas do Diretor-Geral, Prof. José Graziano da Silva, e dirijo uma calorosa saudação aos Representantes dos Estados Membros e a quantos têm a possibilidade de se unir a nós das sedes da Fao no mundo.

Dirijo uma saudação especial aos Ministros da Agricultura do G7 aqui presentes, que concluíram o seu Encontro, durante o qual foram debatidas questões que exigem uma responsabilidade não apenas no que se refere ao desenvolvimento e à produção, mas também no que diz respeito à Comunidade internacional no seu conjunto.

1. A celebração deste Dia Mundial da Alimentação vê-nos aqui reunidos para recordar o dia 16 de outubro de 1945 quando os Governos, decididos a eliminar a fome mediante o desenvolvimento do setor agrícola, instituíram na

frutos da terra — isto deveria ser óbvio — mas acima de tudo para tutelar o direito de cada ser humano a alimentar-se à medida das suas necessidades, participando utrossim nas decisões que lhe dizem respeito e na realização das próprias aspirações, sem ter que se separar dos seus entes queridos.

Perante um objetivo de tal alcance, está em jogo a credibilidade de todo o sistema internacional. Sabemos que a cooperação é cada vez mais condicionada por compromissos parciais, que já chegam a limitar até as ajudas nas emergências. E no entanto, a morte por fome ou o abandono da própria terra é notícia quotidiana, que corre o risco de provocar a indiferença. Por conseguinte, é urgente encontrar novos caminhos, para transformar as possibilidades de que dispomos numa garantia que permita a cada pessoa olhar para o futuro com confiança fundada e não apenas com algum desejo.

O cenário das relações internacionais mostra uma capacidade crescente de dar respostas às expectativas da família humana, inclusive com a contribuição da ciência e da técnica que, estudando os problemas, propõem soluções adequadas. Contudo, estas novas metas não conseguem eliminar a exclusão de uma grande parte da população mundial: quantas são as vítimas da subalimentação, das guerras e das mudanças climáticas? Quantos necessitam de um trabalho e dos bens essenciais, e se veem obrigadas a deixar a própria terra, expondo-se a numerosas e terríveis formas de exploração? Sem dúvida, valorizar a tecnologia ao serviço do desenvolvimento é um caminho a percorrer, contanto que se chegue a gestos concretos para diminuir o número de famintos ou para governar o fenómeno das migrações forçadas.

2. A relação entre fome e migrações só pode ser enfrentada se formos à raiz do problema. A este propósito, os estudos realizados pelas Nações Unidas, assim como por numerosas Organizações da sociedade civil, concordam ao dizer que são dois os principais obstáculos a superar: os conflitos e as mudanças climáticas. Como se podem superar os conflitos? O direito internacional indica-nos os meios para os prevenir ou resolver rapi-

damente, evitando que se prolonguem e causem carestias e a destruição do tecido social. Pensemos nas populações martirizadas por guerras que já perduram há décadas e que podiam ser evitadas por pelo menos cessadas e, ao contrário, propagam os seus efeitos destrutivos, entre os quais a insegurança alimentar e o deslocamento forçado de pessoas. São necessários boa vontade e diálogo para impedir os conflitos, e é preciso comprometer-se profundamente em prol de um desarmamento gradual e sistemático, previsto pela Carta das Nações Unidas, assim como para remediar o funesto flagelo do tráfico de ar-



Compartilhar impõe uma conversão e isto é desafiador #ZeroHunger

(@Pontifex-pt)

mas. De que adiantará denunciar que, por causa dos conflitos, milhões de pessoas são vítimas da fome e da subalimentação, se não trabalharmos eficazmente em prol da paz e do desarmamento?

Quanto às mudanças climáticas, vemos todos os dias as suas consequências. Graças aos conhecimentos científicos, sabemos como os problemas devem ser enfrentados; e a Comunidade internacional continua a elaborar também instrumentos jurídicos necessários, como por exemplo o Acordo de Paris, do qual contudo alguns começam a afastar-se. Voltam a manifestar-se a indiferença em relação aos delicados equilíbrios dos ecossistemas, a presunção de manipular e controlar os recursos limitados do planeta, a ganância do lucro. Portanto, é necessário envidar esforços para um consenso concreto e eficaz, se quisermos evitar efeitos mais trágicos, que continuarão a pesar sobre as pessoas mais pobres e indefesas. Somos chamados a propor uma mudança nos estilos de vida, no uso dos recursos e nos critérios de produção, e inclusive no consumo que, a propósito de alimentos, vê perdas e desperdícios crescentes. Não nos podemos resignar a dizer “alguém pensarà nisto”.

Acho que estes são os pressupostos de cada discurso sério sobre a segurança alimentar ligada ao fenómeno das migrações. Sem dúvida, guerras e mudanças climáticas determinam a fome; portanto, evitemos de a apresentar como uma doença incurável. As estimativas recentes, fornecidas pelos vossos especialistas, preveem um aumento da produção global de cereais, a nível que permitem conferir maior consistência às reservas mundiais. Isto é um bom sinal e dá a entender que, se agirmos prestando atenção às necessidades e contrastando as especulações, os resultados não deixarão de faltar. Com efeito, os recursos alimentares são com frequência

deixados à mercê da especulação, que os mede unicamente em função da prosperidade económica dos grandes produtores, ou em relação à potencialidade de consumo e não às exigências reais das pessoas. É assim que se favorecem os conflitos e os desperdícios, aumentando as fileiras dos últimos da terra que procuram um futuro fora dos seus territórios de origem.

3. Diante de tudo isto podemos e devemos mudar a rota (cf. Enc. *Laudato si'*, 53; 61; 163; 202). Face ao aumento da demanda de alimentos é indispensável que os frutos da terra estejam disponíveis para todos. Na opinião de alguns seria suficiente diminuir o número de bocas a saciar e assim o problema ficaria resolvido; mas é uma solução falsa se pensamos nos níveis de desperdício de alimentos e em modelos de consumo que esbanjam muitos recursos. Reduzir é fácil, mas partilhar exige uma conversão e isto é comprometedor.

Portanto, formulo — e formulo-vos — esta pergunta: é demasiado pensar em introduzir na linguagem da cooperação internacional a categoria do amor, declinada como gratuididade, igualdade de tratamento, solidariedade, cultura do dom, fraternidade, misericórdia? De facto, estas palavras exprimem o conteúdo prático do termo “humanitário”, muito usado na atividade internacional. Amar os irmãos e ser os primeiros a fazê-lo, sem esperar ser correspondido: este é um princípio evangélico que encontra reflexo em muitas culturas e religiões e torna-se princípio de humanidade na linguagem das relações internacionais. Esperamos que a diplomacia e as Instituições multilaterais alimentem

e organizem esta capacidade de amar, porque é a via mestra que garante não só a segurança alimentar mas a segurança humana na sua globalidade. Não podemos agir só se os outros o fazem, nem nos limitar a sentir piedade, porque a piedade se detém às ajudas de emergência, enquanto o amor inspira a justiça e é essencial para realizar uma ordem social justa entre realidades diversas que desejam correr o risco do encontro recíproco. Amar significa contribuir para que cada país aumente a produção e alcance a auto-suficiência alimentar. Amar traduz-se em cogitar novos modelos de desenvolvimento e de consumo, e em adotar políticas que não agravem a situação das populações menos avançadas ou a sua dependência externa. Amar significa não continuar a dividir a família humana entre quem possui o superfluo e quem não tem o necessário.

O esforço da diplomacia demonstrou-nos, inclusive em eventos recentes, que deter o recurso às armas de destruição de massa é possível. Estamos todos cientes da capacidade de destruição de tais instrumentos. Mas estamos cientes também dos efeitos da pobreza e da exclusão? Como deter pessoas dispostas a arriscar tudo, gerações inteiras que podem desaparecer porque não têm o pão de cada dia, ou são vítimas de violência ou de mudanças climáticas? Dirigem-se para onde veem uma luz ou sentem uma esperança de vida. Não poderão ser detidas por barreiras físicas, económicas, legislativas, ideológicas: só uma coerente aplicação do princípio de humanidade o poderá fazer. Ao contrário, diminui a ajuda pública ao desenvolvimento e as Institui-



ções multilaterais são limitadas na sua atividade, enquanto se recorre a acordos bilaterais que subordinam a cooperação ao respeito de agendas e de alianças particulares ou, mais simplesmente, a uma tranquilidade momentânea. Diversamente, a gestão da mobilidade humana exige uma ação intergovernamental coordenada e sistemática, conduzida segundo as normas internacionais existentes e permeada por amor e inteligência. O seu objetivo é um encontro de povos que enriqueça todos e gere união e diálogo, e não exclusão e vulnerabilidade.

Permiti que eu aqui me refira ao debate sobre a vulnerabilidade que divide a nível internacional quando se fala dos migrantes. Vulnerável é aquele que está em condição de inferioridade e não se pode defender, não tem meios, isto é, não vive uma exclusão. E isto porque é obrigado pela violência, por situações

naturais ou pior ainda pela indiferença, pela intolerância e até pelo ódio. Face a esta condição é justo identificar as causas para agir com a competência necessária. Mas não é aceitável, que para evitar o compromisso, nos escondamos por detrás de sofismas linguísticos que não honram a diplomacia mas reduzem-na, de “arte do possível” a um exercício estéril para justificar egosmos e inatividade.

Esperamos que tudo isto seja considerado na elaboração do Pacto mundial para uma migração segura, regular e ordenada, que decorre neste momento nas Nações Unidas.

4. Ouçamos o grito de tantos nossos irmãos marginalizados e excluídos: “Tenho fome, sou forasteiro, estou nu, doente, fechado num campo de refugiados”. É um pedido de justiça, não uma súplica nem um apelo de emergência. É necessário um diálogo amplo

e sincero a todos os níveis para que se encontrem as soluções melhores e aumente uma nova relação entre os diversos atores do cenário internacional, feita de responsabilidade recíproca, de solidariedade e de comunhão. O jugo da miséria gerado pelos deslocamentos muitas vezes trágicos dos migrantes, pode ser removido através de uma prevenção feita de projetos de desenvolvimento que criem trabalho e capacidade de resposta às crises climáticas e ambientais. A prevenção custa muito menos que os efeitos provocados pela degradação dos terrenos e pela poluição das águas, efeitos que atingem as zonas nevralgias do planeta onde a pobreza é a única lei, as doenças aumentam e a esperança de vida diminui.

São muitas e louváveis as iniciativas implementadas. Mas não são suficientes; é necessário e urgente continuar a ativar esforços e financiar programas para contrastar de maneira ainda mais eficaz e promissora a fome e a miséria estrutural. Mas se o objetivo é favorecer uma agricultura que produza as exigências efetivas de um país, então não é lícito privar a população das terras cultiváveis, deixando que o land grabbing (acabarcamento de terras) continue a obter os seus lucros, às vezes até com a cumplicidade de quem é chamado a defender o interesse do povo. É preciso afastar as tentações de agir em vantagem de grupos restritos da população, assim como de utilizar os contributos externos de modo inadequado, favorecendo a corrupção, ou na ausência de legalidade.

A Igreja Católica, com as suas instituições, tendo conhecimento direto e real das situações a contrastar e das necessidades a satisfazer, deseja participar diretamente neste esforço em virtude da sua missão que a leva a amar todos e a obriga também a recordar a quantos têm responsabilidade nacional e internacional o mais amplo dever de partilhar as necessidades de todos.

Faço votos para que cada um descubra, no silêncio da própria fé ou das próprias convicções, as motivações, os princípios e as contribuições para dar à Fao e às demais Instituições intergovernamentais a coragem de melhorar e perseverar pelo bem da família humana.

Obrigado!

Em recordação do pequeno Aylan

Um momento diante da escultura que recorda o trágico fim de Aylan Kurdi, o menino sírio encontrado morto a 2 de setembro de 2015 numa praia da Turquia depois do naufrágio do barco no qual a sua família, juntamente com outros migrantes, perseguia a esperança de uma vida melhor. Com este gesto significativo teve início a 16 de outubro em Roma a visita de Francisco à Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura (Fao), por ocasião do dia mundial da alimentação. A escultura, obra de Luigi Prevedel, representa um anjo em lágrimas ao lado do corpoinho da criança sem vida e foi doada pelo Pontífice para evidenciar o tema do dia: «Mudemos o futuro das migrações».

O Papa chegou ao edifício da via das Termas de Caracala alguns minutos antes das 9h00, acompanhado pelo cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin, pelos arcebispos Angelo Becciu, substituto, e Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados. A receber Francisco, na presença de monseñor Leonardo Spienza, regente da Prefeitura da Casa pontifícia, esta-

vam monseñor Fernando Chica Arellano, observador permanente da Santa Sé junto das organizações e dos organismos das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura, e José Graziano da Silva, diretor-geral da Fao.

Depois de ter benziado a estátua colocada no ingresso do edifício, o Pontífice dirigiu-se para a sala China, onde teve um breve encontro com o dire-

tor-geral na presença de Daniel Gustafson, diretor-geral adjunto, de Mario Lutbekin, chefe de gabinete e, pela parte vaticana, do cardeal Parolin e de monseñor Chica Arellano. Após a assinatura do livro de honra Francisco foi à sala Caribe, onde saudou o presidente de Madagascar, Hery Rajaonarimampianina, os ministros dos negócios estrangeiros do mesmo país e do México, os ministros da agricultura de Madagascar, da Itália, do Canadá, da França e dos Estados Unidos da América, o subsecretário para o meio ambiente da Grã-Bretanha, o secretário para a agricultura da Alemanha, os comissários para a agricultura da Europa e da União africana, o embaixador do Japão junto da Fao, o presidente do Fundo internacional para o desenvolvimento agrícola e o diretor executivo do Programa alimentar mundial.

No final, recebido por um aplauso, o Papa Fran-

cisco entrou na sala Plenária para a abertura do dia mundial da alimentação.

Os trabalhos foram introduzidos pelo responsável da comunicação da Fao, Enrique Yeves, que apresentou um vídeo sobre o tema. Nele a orquestra da Piazza Vittorio, composta por migrantes de todo o mundo, e a pequena orquestra de Tor Pignattara, um grupo de jovens músicos migrantes de segunda geração, acompanharam com os seus instrumentos as imagens comovedoras com as quais a Fao exorta a investir na segurança alimentar e no desenvolvimento das áreas rurais para contrastar as migrações forçadas de milhões de pessoas no mundo.

Depois da saudação do diretor-geral, Francisco leu em espanhol o discurso com o qual abriu oficialmente o encontro. Em seguida, através de dois tweets na conta @Pontifex, lançou «o imperativo» de garantir «o acesso aos alimentos necessários» como «direito de todos» que «não permite exclusões». Ao deixar a sala, o Papa foi acompanhado pelo diretor-geral até à saída do prédio, saudando os funcionários da Fao ao longo do percurso.



Migrantes e desenvolvimento

240 milhões de migrantes, 740 milhões de desabrigados internos, 815 milhões de pessoas que têm fome. «Números sem precedentes na história da humanidade», frisou o diretor-geral da Fao no discurso de abertura dos trabalhos do dia mundial da alimentação. A extensão desta tragédia, acrescentou, representa «um desafio para o qual somos chamados a responder de modo disciplinado e justo». José Graziano da Silva ilustrou o tema do dia explicando que é dedicado à relação entre migrantes e desenvolvimento rural. «Para salvar as vidas — disse — é preciso reconstruir o que está ao redor das pessoas, para uma vida mais digna e reforçar a resiliência das comunidades rurais». Evidenciou também que o compromisso dos governos neste sentido ainda é insuficiente: «São necessárias mais solidariedade e determinação».

Fao. Tratava-se de um período de grave insegurança alimentar e de grandes deslocamentos de população, com milhões de pessoas em busca de lugares onde poder sobreviver às misérias e às adversidades causadas pela guerra.

Portanto, refletir sobre o modo como a segurança alimentar pode incidir sobre a mobilidade humana significa recomeçar partindo do compromisso para o qual a Fao nasceu, para o renovar. A realidade hodierna exige uma maior responsabilidade a todos os níveis, não apenas para garantir a produção necessária ou a distribuição equitativa dos

Congregação para as causas dos santos

Promulgação de decretos

A 9 de outubro o Papa Francisco recebeu em audiência o cardeal Angelo Amato, prefeito da Congregação para as causas dos santos, durante a qual autorizou a mesma Congregação a promulgar os decretos relativos:

– ao martírio dos servos de Deus Túlio Maruzzo (no século: Marcelo), sacerdote professo da ordem dos frades menores, e Luís Obdulio Arroyo Navarro, leigo, da terceira ordem de São Francisco, assassinados por ódio à fé a 1 de julho de 1981 nos arredores de Los Amates (Guatemala);

– às virtudes heroicas do servo de Deus Donizetti Tavares de Lima, sa-

cerdote diocesano; nascido a 3 de janeiro de 1882 em Cássia (Brasil) e falecido no dia 16 de junho de 1961 em Tambaú (Brasil);

– às virtudes heroicas do servo de Deus Serafino Kaszuba (no século: Luís Casimiro), sacerdote professo da ordem dos frades menores capuchinhos; nascido no dia 17 de junho de 1910 em Zamartynów (Ucrânia) e falecido a 20 de setembro de 1977 em Lviv (Ucrânia);

– às virtudes heroicas do servo de Deus Magín Morera y Feixas, sacerdote professo da congregação da Sagrada Família de Jesus, Maria e José; nascido a 16 de novembro de

1908 em Sant Matu de Bages (Espanha) e falecido no dia 28 de junho de 1984 em Barcelona (Espanha);

– às virtudes heroicas da serva de Deus Maria Lourença Requenses Longo, fundadora do Hospital dos incuráveis de Nápoles e das monjas capuchinhas; nascida no ano de 1463 em Lleida (Espanha) e falecida a 21 de dezembro de 1539 em Nápoles (Itália);

– às virtudes heroicas da serva de Deus Francisca do Espírito Santo (no século: Carolina Baron), fundadora do instituto da terceira ordem de São Francisco de Montpellier; nascida a 12 de dezembro de 1820

em Mailhac (França) e falecida no dia 28 de dezembro de 1882 em Saint-Chinian (França);

– às virtudes heroicas da serva de Deus Isabel Rosa Czacka, fundadora da congregação das irmãs franciscanas Servas da Cruz; nascida no dia 22 de outubro de 1876 em Biala Cerkiew (Ucrânia) e falecida a 15 de maio de 1961 em Laski (Polónia); e

– às virtudes heroicas do servo de Deus Francisco Paulo Gravina, leigo, fundador da congregação das irmãs da Caridade de São Vicente; nascido a 5 de fevereiro de 1800 em Palermo (Itália) e falecido em 15 de abril de 1854 nessa mesma cidade.

Em conversa com o cardeal Angelo Amato

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

O seu apostolado foi sobretudo para a formação dos jovens. Estudioso de botânica, evidenciou as propriedades curativas das plantas, nas quais, ele dizia, a Providência pôs o remédio contra as doenças. Prodigalizava-se pela saúde do corpo e do espírito dos jovens. Face à situação de abandono e de ignorância das jovens, em 1885 fundou o instituto das irmãs calasanzianas filhas da Divina Pastora, em Sanlúcar de Barrameda (Cadiz), para a promoção humana e cristã das jovens. Faleceu em Getafe com 94 anos. O padre Faustino foi um sacerdote que na escola e pelas ruas, no confessional e no laboratório mostrou sem-

pre Cristo que acolhe, perdoa e consola. O seu ideal era gravar a imagem de Jesus na mente e no coração dos jovens.

Olhando para estes dois sacerdotes religiosos podemos dizer que a vida consagrada conserva uma certa vitalidade na Igreja?

Essencialmente a consagração é um convite à *sequela Christi*, cujo perfume nunca faltará. Os consagrados são chamas sempre acesas a glorificar a Santíssima Trindade na oração e na generosidade da caridade. Ainda hoje eles enchem as ruas das nossas terras com a sua presença providencial, educando os jovens, catequizando, assistindo os doentes,

confortando os aflitos, socorrendo os pobres. As obras evangélicas de misericórdia corporal e espiritual formam o carisma de milhares de consagrados espalhados pelo mundo. Eles são como uma chuva benéfica que descedenta a terra e faz com que cresçam as flores e os frutos de uma vida santa. Os consagrados não vivem concentrados nas suas pessoas, mas só em Deus e nos irmãos necessitados. É uma verdadeira "pró-existência", uma vida dedicada aos outros, com gratuidade e generosidade. A vida religiosa é uma realidade sem ocaso, assim como o amor de Deus pelos homens de todos os tempos.

Há diferença entre a santidade dos

fiéis leigos e a dos consagrados?

Em si mesma não. A santidade, isto é, a existência cristã heroicamente virtuosa, é a mesma para os simples fiéis e para os consagrados. Também os leigos, como por exemplo o médico Giuseppe Moscati ou a heroica Giana Beretta Molla, são santos iguais a Pio de Pietrelcina e Teresa de Calcutá. Todavia, desde o início a vida consagrada, por ser uma existência inteiramente concentrada em Deus, constitui um caminho privilegiado para a santidade. De resto, a sua finalidade é exatamente a santificação pessoal, que se alcança mediante uma existência feita de modo principal ou de oração, na vida contemplativa, ou de apostolado, na vida ativa. Na consagração a santidade parece mais fácil. Contudo, para todos a santidade é um caminho estreito que, como para Jesus, contempla a via-sacra da paixão e da morte, antes de chegar à glória da ressurreição.

O martírio une os cristãos. Neste momento onde a perseguição é maior?

A perseguição esteve sempre presente na história da Igreja. Para Jesus, também Ele perseguido, traído e crucificado, a perseguição é até uma bem-aventurança: «Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus». Desde o início, a mensagem evangélica da caridade, da liberdade e da verdade encontrou sempre oposição e rejeição. Exemplos disto são as perseguições romanas antigas mas também as modernas. No século passado houve massacres de cristãos no Médio Oriente, na Ásia, na África, na América Latina e na Europa sob as ditaduras fascista, comunista e nazista. Hoje, continuam as perseguições sangrentas dos cristãos em todo o mundo. Os jornais falam com frequência sobre isto. Mas não falam daquela perseguição sub-reptícia e insistente, que procura corroer os fundamentos do agir cristão. Esta é uma perseguição pouco visível mas altamente tóxica. É um vírus maléfico, que só pode ser derrotado com uma fidelidade mais sentida a Jesus e ao seu Evangelho. Assim fizeram e fazem os santos, também hoje.

Vítimas da perseguição no Brasil

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

Soveral, obrigado a interromper a celebração, conseguiu entoar com os presentes as orações dos agonizantes; foram todos massacrados, exceto cinco fiéis portugueses pegados como reféns e levados ao vizinho Forte dos Reis Magos.

Das sessenta pessoas assassinadas em Cunhaú, à exceção do pároco e do leigo Domingos Carvalho, um se conhece os nomes.

O segundo ato do martírio verificou-se, cerca de três meses mais tarde, a 3 de outubro de 1645, em Uruaçu.

Tomados pelo terror por causa do que tinha acontecido em Cunhaú, os católicos de Natal procuraram pôr-se em salvo nalguns refúgios improvisados, mas foi tudo inútil. Juntamente com o seu pároco, padre Ambrósio Francisco Ferro, foram obrigados pelos soldados holandeses a dirigirem-se para um lugar isolado, em Uruaçu, onde eram esperados por cerca de duzentos índios comandados pelo chefe indígena Antônio Paroapaba, um convertido ao protestantismo calvinista, que sentia verdadeira aversão pelos católicos.

Os fiéis e o seu sacerdote foram sequestrados de modo horrível e dei-

xados morrer em meio a mutilações desumanas, que até o cronista da época sentiu horror ao descrever os detalhes. O número de mortos não é exato, mas a comparação das fontes históricas indicou com certeza pelo menos 28 mártires. Os seus pobres corpos foram abandonados às intempéries e às feras.

Da parte das comunidades católicas desenvolveu-se imediatamente, em relação aos perseguidos de Cunhaú e de Uruaçu, uma profunda e contínua fama de martírio que, através dos séculos, chegou até aos nossos dias. Destes numerosos fiéis assassinados por causa da sua fé, as autoridades eclesásticas procuraram reconstruir a identidade e descobrir os nomes, com êxito para apenas 30 deles. Em 1989 teve início a causa, culminada com a beatificação em 2000.

Os dois mártires de Cunhaú são o padre André de Soveral e Domingos Carvalho, leigo. Os vinte e oito mártires de Uruaçu são o padre Ambrósio Francisco Ferro, Antônio Vilela o jovem, José do Porto, Francisco de Bastos, Diogo Pereira, João Lostão Navarro, Antônio Vilela Cid, Estêvão Machado de Miranda, Vicente de Souza Pereira, Francisco Mendes Pereira, João da Silveira, Simão Correia, Antônio Bara-

cho, Mateus Moreira, João Martins, Manuel Rodrigues Moura e a sua esposa, sete jovens companheiros de João Martins, uma filha de Antônio Vilela, uma filha de Francisco Dias o jovem e duas filhas de Estêvão Machado de Miranda.

Entre todos os mártires sobressai o leigo Mateus Moreira: insultado e ferido pelos perseguidores por causa da sua rejeição a renegar a fé na Eucaristia e a fidelidade ao Papa, antes de ser assassinado conseguiu exclamar: «Louvado seja o Santíssimo Sacramento!». Por esta esplêndida profissão de fé *in articulo mortis*, foi proposto no Brasil como protetor dos ministros extraordinários da Eucaristia.

Neste martírio, consumado em dois atos, é notável a dimensão comunitária; são abrangidos todos os estados de vida e todas as idades: sacerdotes, homens, mulheres, jovens, crianças. O seu assassinato é um martírio de uma comunidade crente inteira: isto representa um exemplo e um encorajamento para tantas comunidades católicas que sofrem a perseguição no tempo presente.

**Consultor perito em história da Congregação para as causas dos santos*

O Papa comemorou o vigésimo quinto aniversário do Catecismo da Igreja católica

Fazer progredir harmonicamente a doutrina

«Não se pode guardar a doutrina «sem a fazer progredir». E não se pode fazer dela «uma leitura rígida e imutável, sem humilhar a ação do Espírito Santo», frisou Francisco no discurso dirigido aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício conselho para a promoção da nova evangelização por ocasião do vigésimo quinto aniversário da promulgação do Catecismo da Igreja católica. O Pontífice participou na comemoração realizada na tarde de quarta-feira 11 de outubro, na Sala nova do Sínodo. Depois da saudação que lhe foi dirigida pelo presidente do Dicasterio, arcebispo Rino Fisichella, o Papa proferiu o seguinte discurso.

Senhores Cardeais
Amados irmãos no Episcopado
e no sacerdócio
Senhores Embaixadores
Ilustres Professores
Irmãos e irmãs!

Saúdo-vos cordialmente e agradeço a D. Fisichella as amáveis palavras que me dirigiu.

O vigésimo quinto aniversário da Constituição apostólica *Fidei depositum*, com a qual São João Paulo II promulgava o *Catecismo da Igreja Católica*, trinta anos depois da abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II, é uma ocasião significativa para verificar o caminho entretanto percorrido. Não foi primariamente para condenar os erros que São João XXIII sonhara e quisera o Concílio, mas sobretudo para permitir que a Igreja chegasse finalmente a apresentar, com uma linguagem renovada, a beleza da sua fé em Jesus Cristo. «É necessário primeiramente — afirmava o Papa, no seu *Discurso de abertura* — que a Igreja não se aparte do património sagrado das verdades, recebido dos seus maiores; mas, ao mesmo tempo, deve também olhar para o presente, para as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo, que abriram novos caminhos ao apostolado católico» (11 de outubro de 1962). «O nosso dever — continuava o Pontífice — é não só conservar este tesouro precioso, como se nos preocupássemos unicamente da antiguidade, mas também dedicar-nos com vontade pronta e sem temor àquele trabalho que o nosso tempo exige, prosseguindo assim o caminho que a Igreja percorre há vinte séculos» (*ibid.*).

«Guardar» e «prosseguir» é a incumbência que cabe à Igreja por sua própria natureza, a fim de que a verdade contida no anúncio do Evangelho feito por Jesus possa alcançar a sua plenitude até ao fim dos séculos. Tal é a *graça* que foi concedida ao Povo de Deus; mas é igualmente uma *tarifa* e uma *missão*, cuja responsabilidade carregamos: anunciar de modo novo e mais completo o Evangelho de sempre aos nossos contemporâneos. Assim, com a alegria que provém da esperança cristã e munidos do «remédio da misericórdia» (*ibid.*), vamos ao encontro dos homens e mulheres do nosso tempo para lhes permitir a descoberta da riqueza inexaurível encerrada na pessoa de Jesus Cristo.

Ao apresentar o *Catecismo da Igreja Católica*, São João Paulo II afirmava que ele «deve ter em conta as explicitações da doutrina que, no decurso dos tempos, o Espírito Santo sugeriu à Igreja. É também neces-

sário que ajude a iluminar, com a luz da fé, as novas situações e os problemas que no passado ainda não tinham surgido» (Const. apost. *Fidei depositum*, 3). Por isso, este *Catecismo* constitui um instrumento importante não apenas porque apresenta aos crentes os ensinamentos de sempre para crescerem na compreensão da fé, mas também e sobretudo porque pretende aproximar os nossos contemporâneos, com suas problemáticas novas e diversas, da Igreja, comprometida na apresentação da fé como resposta significativa para a existência humana neste momento histórico particular. Assim, não basta encontrar uma nova linguagem para expressar a fé de sempre; é necessário e urgente também que, perante os novos desafios e perspectivas que se abrem à humanidade, a Igreja



Michael Lang, «Evolução»

possa exprimir as novidades do Evangelho de Cristo que, embora contidas na Palavra de Deus, ainda não vieram à luz. Trata-se daquele tesouro feito de «coisas novas e velhas» referido por Jesus, quando convidava os seus discípulos a ensinar o novo por Ele trazido, sem transcurar o antigo (cf. *Mt* 13, 52).

Uma das páginas mais belas do evangelho de São João é aquela que cita a chamada «oração sacerdotal» de Jesus. Antes de enfrentar a paixão e a morte, dirige-se ao Pai manifestando a sua obediência na realização da missão que lhe fora confiada. As suas palavras são um hino ao amor e contém também o pedido de que sejam guardados e protegidos os discípulos (cf. *Jó* 17, 12-15). Ao mesmo tempo, porém, Jesus reza por to-

das as pessoas que no futuro hão de acreditar n'Ele, graças à pregação dos seus discípulos, para que também elas sejam congregadas e conservadas na unidade (cf. *Jó* 17, 20-23). Na frase «esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste» (*Jó* 17, 3), toca-se o auge da missão de Jesus.

Como bem sabemos, conhecer Deus não é primariamente um exercício teórico da razão humana, mas um desejo inextinguível impresso no coração de cada pessoa. É o conhecimento que provém do amor, porque encontramos o Filho de Deus no nosso caminho (cf. Carta enc. *Lumen fidei*, 28). Jesus de Nazaré caminha connosco para nos introduzir, com a sua palavra e os seus sinais, no mistério profundo do amor do Pai. Este conhecimento fortalece-se dia após dia com a certeza, que nos dá a fé, de nos sentirmos amados e, conseqüentemente, inseridos num desígnio repleto de sentido. Quem ama quer conhecer melhor a pessoa amada, para descobrir a riqueza que se esconde nela e que dia a dia aparece como uma realidade sempre nova.

Nesta linha de pensamento, apraz-me fazer referência a um tema que deveria encontrar, no *Catecismo da Igreja Católica*, um espaço mais adequado e coerente com as finalidades agora expressas. Penso concretamente na *pena de morte*. Esta problemática não pode ficar reduzida a uma mera recordação histórica da doutrina, sem se fazer sobressair, por um lado, o progresso na doutrina realizado pelos últimos Pontífices e, por outro, a renovada consciência do povo cristão, que recusa uma postura de anuência quanto a uma pena que lesa gravemente a dignidade humana. Deve afirmar-se energicamente que a condenação da pena de morte é uma medida desumana que, independentemente do modo como for realizada, humilha a dignidade pessoal. Em si mesma, é contrária ao Evangelho, porque voluntariamente se decide suprimir uma vida humana que é sempre sagrada aos olhos do Criador e cujo verdadeiro juiz e garante, em última análise, é apenas Deus. Nunca homem algum, «nem sequer o homicida, perde a sua dignidade pessoal» (*Carta ao Presidente da Comissão Internacional contra a Pena de Morte*, 20 de março de 2015), porque Deus é um Pai que sempre espera o regresso do filho, o qual, sabendo que errou, pede perdão e começa uma vida nova. Por conseguinte, a ninguém se pode tirar não só a vida, mas até a própria possibilidade de um resgate moral e existencial que redunde em proveito para a comunidade.

Nos séculos passados em que se confrontava com uma pobreza dos instrumentos de defesa e a maturidade social não conhecia ainda o devido desenvolvimento positivo, o recurso à pena de morte aparecia como consequência lógica da aplicação da justiça que se devia seguir. No próprio Estado Pontifício, infelizmente, recorreu-se a este remédio extremo e desumano, descurando o primado da misericórdia sobre a justiça. Assumimos as responsabilidades do passado, reconhecendo que aqueles meios eram ditados por uma mentalidade mais legalista que cristã. A preocupação por conservar íntegros os poderes e as riquezas materiais levava a sobrestimar o valor da lei, impedindo que se chegasse a uma maior profundidade na compreensão do Evangelho. Mas, permanecer neutros hoje perante as novas exigências de reafirmação da dignidade pessoal, tornar-nos-ia mais culpáveis.

Aqui não estamos perante qualquer contradição com a doutrina do passado, porque a defesa da dignidade da vida humana desde o primeiro instante da concepção até à morte natural sempre encontrou, no ensinamento da Igreja, a sua voz coerente e autorizada. O desenvolvimento harmónico da doutrina, porém, requer que se abandonem tomadas de posição em defesa de argumentos que agora se apresentam

No instituto italiano de doação

Perante a crise ecológica

«Temos o dever de conservar e entregar íntegro o planeta às futuras gerações», disse o Pontífice aos participantes no encontro promovido pelo Instituto italiano de doação, recebidos em audiência na Sala Clementina, na manhã de 2 de outubro, por ocasião do dia da doação.

Queridos irmãos e irmãs!

Estou feliz por vos acolher por ocasião do *Dia da Doação* e saúdo-vos todos com afeto, começando pelo Presidente do Instituto Italiano de Doação, entidade promotora deste evento, ao qual agradeço as suas palavras.

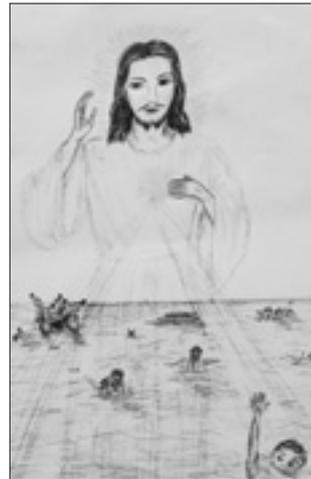
O maior dom que Deus oferece a cada um de nós é a vida; e a vida faz parte de outro dom divino originário que é a criação. Todos deveríamos sentir a grande responsabilidade de preservar adequadamente a criação e cuidar dela, protegendo-a contra as diversas formas de degradação. Temos a dever de conservar e entregar íntegro às futuras gerações o planeta, que recebemos como dom gratuito da bondade de Deus. Face à crise ecológica que estamos a viver, a perspectiva do dom recebido e que deve ser entregue a quem vier depois de nós é motivo de empenho e esperança.

O dom da vida e o dom da criação provêm do amor de Deus pela humanidade; aliás, através destes dons Deus oferece-nos este seu amor. E na medida em que nos abrimos e

acolhemos, podemos tornar-nos por nossa vez dom de amor para os irmãos. Eis quanto nos recordou Jesus durante a *Última Ceia*, quando deixou aos seus discípulos o «novo mandamento» do amor. Sabendo que chegara a hora de passar deste mundo para o Pai, a hora da sua Páscoa de morte e ressurreição, Ele despede-se dos Apóstolos com a entrega de amor, como se fosse um testamento. E diz: «Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como Eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros» (Jo 13, 34).

Em que sentido Jesus pode definir “novo” o seu mandamento? A novidade da sua entrega consiste precisamente no facto de que não se trata de um amor qualquer, mas do próprio amor de Jesus, que deu a sua vida por nós. Um amor que se realiza no serviço aos outros: com efeito, pouco antes Jesus tinha lavado os pés aos discípulos. Um amor que sabe abaixar-se, que rejeita qualquer forma de violência, respeita a liberdade, promove a dignidade, recusa qualquer discriminação. Um amor desarmado, que se revela mais forte do que o ódio. Esta é a regra do amor para quem quer seguir Jesus: deixar-se envolver por Ele, amor com Ele, modelar as próprias ações conforme a sua generosidade infinita.

O “dom”, que se celebra na Itália a 4 de outubro, não é um conceito



Desenho de Valeria Sanguinè oferecido ao Papa durante a audiência

Apostolado da oração

Direito ao trabalho

Pessoas em busca de trabalho, que se apressam a propor os seus currículos às empresas. Até que um encontro casual abre o caminho a um homem, já não jovem, contratado por uma empresa que entrega pizzas ao domicílio. Grandes sorrisos, cordialidade, acolhimento e solidariedade caracterizam as cenas da mensagem vídeo do Papa com a intenção de oração para o mês de outubro divulgado na internet (www.thepopevideo.org). Com efeito, no centro da reflexão que o Pontífice confiou à rede mundial de oração há os «direitos dos trabalhadores e dos desempregados».

«Devemos recordar sempre – sublinhou o Papa Francisco – a dignidade e os direitos dos trabalhadores, denunciando as situações em que não são respeitados, e contribuir para um progresso autêntico do homem e da sociedade».

abstrato, uma chamada genérica à “prenda” – muitas prendas podem ser “interesseiras”, não gratuitas – mas uma atitude e uma ação que têm as próprias raízes na mensagem do Evangelho. Todos, especialmente os jovens, são chamados a fazer a experiência maravilhosa do dom. Trata-se de uma experiência educativa, que faz crescer humana e espiritualmente, abrindo a mente e o coração aos amplos espaços da fraternidade e da partilha. Assim constrói-se a civilização do amor!

Por estas razões, o *Dia da Doação* é uma oportunidade estimulante sobretudo para os jovens: porque podem descobrir que o dom é uma parte de nós mesmos oferecida gratuitamente ao próximo, não para a perder, mas para aumentar o seu valor. Doar faz-nos sentir mais felizes, nós mesmos e os outros; doando criam-se laços e relações que fortalecem a esperança num mundo melhor.

Encorajo-vos a prosseguir com alegria o vosso caminho. Sede homens e mulheres, rapazes e moças defensores da vida, guardiões da criação, testemunhas do amor doado que gera frutos de bem para a coletividade. Acompanho-vos com a minha oração. E também vós, por favor, rezai por mim. Abençoo-vos de coração.

O vídeo encerra-se com a intenção de oração confiada a todos os fiéis: «Rezemos irmãos pelo mundo do trabalho, para que sejam garantidos a todos o respeito e a tutela dos direitos e dada aos desempregados a possibilidade de contribuir com o trabalho para a edificação do bem comum».

Traduzido em nove línguas, o vídeo, assim como os precedentes, foi preparado pela agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição em colaboração com o Centro televisivo do Vaticano que o gravou.

Em diálogo com a criação

A mensagem conjunta escrita pelo Papa Francisco e pelo patriarca ecuménico Bartolomeu por ocasião do recente dia mundial de oração pelo cuidado da criação foi publicada – traduzida em oito línguas – num volume oferecido simbolicamente aos embaixadores junto da Santa Sé a fim de que seja transmitida aos governantes do mundo inteiro. A entrega teve lugar durante um encontro promovido pela associação internacional Caridade política, realizado em Roma na quarta-feira 4 de outubro na presença do cardeal Kurt Koch, presidente do Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos. A iniciativa visa solicitar, em quem desempenha papéis de responsabilidade, uma maior atenção às questões ambientais, na perspectiva indicada pela *Laudato si'*.

Vigésimo quinto aniversário do Catecismo da Igreja católica

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

decididamente contrários à nova compreensão da verdade cristã. Aliás, como já recordava São Vicente de Lérins, «talvez alguém pergunte: não haverá progresso algum dos conhecimentos religiosos na Igreja de Cristo? Há, sem dúvida, e muito grande. Com efeito, quem será tão malévolo para com a humanidade e tão inimigo de Deus que pretenda impedir este progresso?» (*Commonitorium*, 23.1: PL 50, 667). Por isso é necessário reiterar que, por mais grave que possa ter sido o delito cometido, a pena de morte é inadmissível, porque atenta contra a inviolabilidade e dignidade da pessoa.

«A Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas

as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, 8). No Concílio, os Padres não podiam encontrar afirmação sintética mais feliz para expressar a natureza e missão da Igreja. Não só na «doutrina» mas também na «vida» e no «culto», é oferecida aos crentes a capacidade de ser Povo de Deus. Com uma sequência evolutiva de verbos, a Constituição dogmática sobre a Revelação Divina exprime a dinâmica resultante do processo: «esta Tradição progride (...), cresce (...), tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus» (*ibid.*).

A Tradição é uma realidade viva; e somente uma visão parcial pode conceber o «depósito da fé» como

algo estático. A Palavra de Deus não pode ser conservada em naftalina, como se se tratasse de uma velha coberta que é preciso proteger das traças! Não. A Palavra de Deus é uma realidade dinâmica, sempre viva, que progride e cresce, porque tende para uma perfeição que os homens não podem impedir. Esta lei do progresso – segundo a feliz fórmula de São Vicente de Lérins: «*annis consolidetur, dilatetur tempore, sublimetur aetate* – fortalece-se com o decorrer dos anos, cresce com o andar dos tempos, desenvolve-se através das idades» (*Commonitorium*, 23.9: PL 50, 668) – pertence à condição peculiar da verdade revelada, enquanto transmitida pela Igreja, e não significa de modo algum uma mudança de doutrina.

Não se pode conservar a doutrina sem a fazer progredir, nem se pode prendê-la a uma leitura rígida e imutável, sem humilhar a ação do Espírito Santo. Deus que, «muitas vezes e de muitos modos, falou aos nossos pais, nos tempos antigos» (*Hb* 1, 1), «dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho» (*Dei Verbum*, 8). E nós somos chamados a assumir esta voz com uma atitude de «escuta religiosa» (*ibid.*, 1), para permitir que a nossa existência eclesial progrida, com o mesmo entusiasmo dos primórdios, rumo aos novos horizontes que o Senhor pretende fazer-nos alcançar.

Agradeço-vos este encontro e o vosso trabalho; peço-vos que rezeis por mim e de coração vos abençoo. Obrigada.

Solidariedade e firmeza na fé

Aos brasileiros para o jubileu de Aparecida

Publicamos o texto da mensagem vídeo que Francisco enviou ao povo do Brasil por ocasião da festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do país, no ano mariano do jubileu do terceiro centenário do achado da imagem. A mensagem vídeo lida pelo Pontífice em português foi transmitida no final da tarde de 12 de outubro, durante a cerimônia de encerramento das celebrações nas quais o cardeal Giovanni Battista Re participou como enviado especial do Papa.

Querido povo brasileiro
Queridos devotos
de Nossa Senhora Aparecida
padroeira do Brasil!

Minha saudação e minha bênção especial para todos vocês que estão vivendo em Cristo Jesus o Ano Mariano do Jubileu dos 300 anos do encontro da Imagem da Virgem Mãe Aparecida nas águas do Rio Paraíba do Sul.

Em 2013, na ocasião de minha primeira viagem apostólica internacional, tive a alegria e a graça de estar no Santuário de Aparecida e rezar aos pés de Nossa Senhora, confiando-lhe o meu pontificado e lembrando o povo brasileiro com a acolhida

tão calorosa, que vem do seu abraço e coração generoso. Naquela ocasião, inclusive, manifestei meu desejo de estar com vocês no ano jubilar; mas a vida de um Papa não é fácil. Por isso, quis nomear o Cardeal Giovanni Battista Re, como Enviado Especial para as celebrações do dia 12 de outubro. Confiei a ele a missão de garantir assim a presença do Papa entre vocês!

Ainda que não esteja fisicamente presente, quero entretanto, por meio da Rede Aparecida de Comunicação, manifestar meu carinho por este povo querido, devoto da Mãe de Jesus. O que deixo aqui são simples palavras, mas desejo que vocês as recebam como um fraterno abraço nesse momento de festa.

Em Aparecida – e repito aqui as palavras que proferi em 2013 no altar



Santuário de Aparecida

do Santuário Nacional – aprendemos a conservar a esperança, a deixar-nos surpreender por Deus e a viver na alegria. Esperança, querido povo brasileiro, é a virtude que deve permear os corações dos que crem, sobretudo, quando ao nosso redor as situações de desespero parecem querer nos desanimar. Não se deixem vencer pelo desânimo. Não se dei-

xem vencer pelo desânimo. Confie em Deus, confie na intercessão de nossa Mãe Aparecida. No Santuário de Aparecida e em cada coração devoto de Maria podemos tocar a esperança que se concretiza na vivência da espiritualidade, na generosidade, na solidariedade, na perseverança, na fraternidade, na alegria que, a sua vez, são valores que encontram a sua raiz mais profunda na fé cristã.

Em 1717, quando foi retirada das águas pelas mãos daqueles pescadores, a Virgem Mãe Aparecida já os inspirou a confiar em Deus que sempre nos surpreende. Peixes em abundância, graça derramada de modo concreto na vida dos que estavam temerosos diante dos poderes estabelecidos. Deus os surpreendeu. Pois. Aquele que nos criou com amor infinito, nos surpreende sempre! Deus nos surpreende sempre!

Nesse Jubileu festivo em que comemoramos os 300 anos, daquela surpresa de Deus, somos convidados a sermos alegres e agradecidos. «Alegrai-vos sempre no Senhor» (Fl 4, 4). E que essa alegria que irradia dos seus corações transborde e alcance cada canto do Brasil, especialmente as periferias geográficas, sociais e existenciais que tanto ansiam por uma gota de esperança. O singelo sorriso de Maria, que conseguimos vislumbrar em sua imagem, seja fonte do sorriso de cada um de vocês diante das dificuldades da vida. O cristão jamais pode ser pessimista! O cristão jamais pode ser pessimista!

Por fim, agradeço ao povo brasileiro pelas orações que diariamente me oferecem, especialmente durante as celebrações da Santa Missa. Rezem pelo Papa e tenham certeza de que o Papa sempre reza por vocês. Juntos, de perto ou de longe, formamos a Igreja, Povo de Deus. Cada vez que colaboramos, ainda que de maneira simples e discreta, com o anúncio do Evangelho, tornamo-nos, assim como Maria, um verdadeiro discípulo e missionário. E, o Brasil, hoje, necessita de homens e mulheres que, cheios de esperança e firmes na fé, deem testemunho de que o amor, manifestado na solidariedade e na partilha, é mais forte e luminoso que as trevas do egoísmo e da corrupção.

Com saudades do Brasil, com saudades do Brasil, concedo-lhes a Bênção Apostólica, pedindo a Nossa Senhora Aparecida que interceda por todos nós!

Assim seja.



Nossa Senhora Aparecida foi encontrada por trabalhadores pobres: hoje abençoa todos especialmente aqueles que procuram um trabalho

(@Pontifex_pt)

Convite do Papa aos peregrinos de Fátima

Não abandoneis o rosário

O Papa Francisco, que esteve na primeira grande Peregrinação Internacional do Centenário das aparições de Fátima, voltou a fazer-se presente na última, através de uma mensagem vídeo em espanhol, dirigida aos peregrinos e transmitida pelos ecrãs espalhados no recinto, que publicamos a seguir.

Queridos Irmãos, neste dia em que celebras o encerramento do Centenário das Aparições da Santíssima Virgem em Fátima, quero enviar-vos a minha bênção e a minha saudação.

Conservo ainda no meu coração a memória da viagem e as bênçãos que a Virgem quis conceder a mim e à Igreja nesse dia. Nunca tenhais medo, Deus é muito

melhor do que todas as nossas misérias; e gosta muito de nós.

Ide em frente. E nunca vos afasteis da Mãe. Como uma criança que está junto da sua mãe e se sente segura, assim também nós ao lado da Virgem sentimo-nos muito seguros. Ela é a nossa garantia.

E, finalmente, quero-vos dar um conselho: Nunca deixeis o Rosário;

Nunca deixeis o Rosário, recitai o Rosário, como Ela pediu.

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

E rezai também por mim.

Obrigado

Símbolo de esperança

O Papa Francisco tira do bolso o rosário e mostra-o recomendando a recitação, foi a imagem que mais surpreendeu os peregrinos reunidos na Cova da Iria na sexta-feira 13 de outubro para o encerramento do centenário das aparições da Virgem Maria em Fátima. Este gesto do Pontífice está contido na mensagem vídeo transmitida através dos ecrãs aos milhares de participantes na peregrinação internacional.

O bispo António Augusto dos Santos Marto falou de um momento histórico e único para Fátima, para a Igreja e para o país. O prelado fez referência também aos povos que encontraram na Cova da Iria o símbolo de esperança que alimentou a sua resiliência no último século. Além disso, sublinhou que o centenário toca as profundezas da humanidade, a verdade nua do mistério do homem. O prelado acrescentou também que são muitos os caminhos que vêm dar a este lugar que guarda a memória da presença de Deus: os peregrinos chegam de todos os cantos do mundo e da profundidade humana

Por sua vez, o presidente da República portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, evocou Fátima como espaço de «projeção de Portugal no mundo e do mundo em Portugal», recordando os milhões de emigrantes portugueses e o «mundo que chega» a Portugal e em Fátima «se encontram».



Missas matutinas em Santa Marta



Quinta-feira
5 de outubro

Nostalgia das raízes

Pôr-se «a caminho para voltar a encontrar as próprias raízes» e nelas ganhar «a força de ir em frente». Eis o itinerário humano e espiritual sugerido pelo Papa. Um percurso importante e iniludível porque, disse, «um povo sem raízes está doente» e «uma pessoa sem raízes está enferma».

A inspiração para a reflexão foi tirada da primeira leitura do dia (Neemias, 8, 1-4.5-6.7-12) na qual se narra de uma «grande assembleia litúrgica» que, após o exílio, vê todo o povo de Israel «reunido no templo». Trata-se, explicou, do «fim de uma história que durou mais de sessenta anos», a «deportação do povo de Deus para a Babilônia». Foram anos «de tristeza» e «de pranto». O pranto de Neemias «quando recordava Jerusalém; recordava as notícias recebidas dos poucos que tinham permanecido ali, na miséria, na escravidão... chorava muito. Havia tristeza no seu coração». Foi então que «o Senhor moveu o coração do rei para compreender aquela tristeza, quando Neemias servia o vinho». E ali começou «o diálogo para regressar a Jerusalém», para «voltar para casa».

Francisco refletiu sobre a tristeza do povo de Israel, que tinha «nostalgia da sua cidade e chorava». Uma nostalgia expressa, por exemplo, no salmo 136, onde se diz que eles, «à margem dos rios da Babilônia, se sentavam e choravam». De resto, como podiam «entoar os cânticos do Senhor em terra estrangeira»? Com efeito, as suas «harpas estavam ali, à sombra dos salgueiros». E no entanto, frisou o Papa, «não se esqueçiam». É verdade: a recordação pode esmorecer, mas eles tinham a vontade de não esquecer: «Que a minha língua se me apegue ao céu da boca, se eu não me lembrar de ti». Pensando nessa situação, sugeriu um paralelismo com a «nostalgia dos migrantes, daqueles que estão longe da pátria e querem voltar». E recordou também o canto popular genovês «Ma se ghe pensu», ouvido durante a sua recente visita à capital da Ligúria: uma homenagem a «todos os migrantes que gostariam de ter participado na missa do Papa, mas estavam distantes, nostálgicos».

Foi assim, retomando a narração do Antigo Testamento, que Neemias agiu para fazer regressar o povo «à sua cidade». E «começou a viagem». Uma viagem que será «para reencontrar a cidade, para a reconstruir». Não era simples: «devia convencer muitas pessoas, levar o material para construir a cidade, os muros, o templo, mas sobretudo era uma viagem para voltar a encontrar as raízes do povo».

Com efeito o povo, depois de muitos anos, «não tinha perdido as raízes, mas elas enfraqueceram». Era preciso «retornar as raízes», ou seja, «a pertença a um povo». De resto, explicou, «sem as raízes não se pode viver: um povo sem raízes ou que abandona as raízes, é um povo doente». Do mesmo modo «uma

pessoa sem raízes, que se esqueceu das suas raízes, está enferma». Portanto, é necessário «redescobrir as próprias raízes e adquirir força para ir em frente, força para dar fruto e, como diz o poeta, “força para florescer, pois o que a árvore tem de florescido vem daquilo que tem de enterrado”».

Contudo, é bom considerar que «neste caminho houve muitas resistências» e que passaram anos antes que o povo pudesse chegar à assembleia litúrgica descrita na leitura. Se há «a vontade do povo de encontrar as raízes», existem também «as resistências» de quantos «preferem o exílio». Um exílio que não é só físico: para Francisco existe até «o exílio psicológico: o autoexílio da comunidade, da sociedade, aqueles que preferem ser povo erradicado, sem raízes». Uma condição que se encontra também no homem de hoje, e que é uma verdadeira «doença»: o autoexílio psicológico «faz muito mal, arranca as raízes, priva-nos da pertença».

Contudo, o povo de Israel foi em frente, construiu o templo e os muros, e «reuniu-se para restabelecer a sua pertença, as suas raízes, ou seja, para ouvir a Lei». A Escritura descreve uma cena grandiosa: «Desde a manhã até ao meio-dia» o povo «estava ali, de pé ou ajoelhado; adorava, levantava-se e ouvia a palavra que o escriba Esdras lia, a palavra de Deus, a Lei explicada pelos Levitas. E o povo chorava...». Mas desta vez, frisou o Papa, «não era o pranto de Babilônia» mas «lágrimas de alegria, do encontro com as próprias raízes, com a própria pertença». Com efeito, Neemias disse-lhes: «ide, festejai», ou seja: «Fazei um bom jantar, tomai bebidas doces e reparti com quantos nada têm pranto. Não haja tristeza». O Papa explicou: «O homem e a mulher que reencontram as suas raízes, que são fiéis à sua pertença, são um homem e uma mulher alegres, e esta alegria dá-lhes força. Assim, passa-se «do pranto de tristeza às lágrimas de alegria; do pranto de fraqueza por estar longe das raízes e do seu povo, ao choro de pertença: “Estão em casa”».

Pode ser útil para todos, sugeriu, retomar o cap. 8 do livro de Neemias «e lê-lo: este trecho é muito bonito». Pode levar-nos a perguntar: «Abandono a recordação do Senhor, da minha pertença? Sou capaz de encetar um caminho, ir em frente para encontrar as minhas raízes, a minha pertença? Ou prefiro o autoexílio, o exílio psicológico, fechado em mim mesmo?». Mas também para me questionar: «Tenho medo de chorar?». Com efeito, explicou, «se tens medo de chorar, terás receio de rir, porque quando se chora, quando se chora de tristeza, depois chora-se de alegria». Mas esta «é uma capacidade para a qual devemos pedir a graça: do choro, do pranto arrependido, triste pelos nossos pecados, mas até das lágrimas de alegria porque o Senhor nos remiu, nos perdoou e fez da nossa vida o que realizou com o seu povo». E concluiu: «Peçamos ao Senhor esta graça: de nos pormos a caminho para nos encontrarmos com as nossas raízes».



Sexta-feira
6 de outubro

A graça do arrependimento

O nosso «primeiro nome é “pecador”». Por isso «peçamos ao Senhor a graça de nos envergonharmos» diante de Deus omnipotente que «nos abraça» com toda a sua misericórdia. Hoje, «o profeta Baruc indica-nos o caminho certo para pedir perdão», afirmou o Papa Francisco em Santa Marta.

Com efeito, «a primeira leitura é um ato de arrependimento» observado referindo-se precisamente ao trecho do livro de Baruc (1, 15-22). «O povo arrepende-se diante do Senhor e pede perdão pelos seus pecados: arrepende-se olhando para a glória do Senhor e para as más ações que cometeu». E «o trecho do profeta Baruc começa assim: “Para vós, Senhor, a justiça” porque Ele é justo e “para nós, porém, a vergonha”».

Portanto, «sentem-se assim e com este coração pedem perdão». E «não dizem “fizemos isto e aquilo...”: o



Andrea Castro, «Vergonha»

que sempre fizeram, dizem-nas em relação ao Senhor, diante do Senhor». E «esta é a maneira de se arrependerem: todo o povo se arrependeu, naquele momento, e pediu perdão por todos “os habitantes de Jerusalém, pelos nossos reis e chefes, pelos nossos sacerdotes e profetas e pelos nossos pais, porque pecamos contra o Senhor”».

«Isto significa que todos somos pecadores, todos», afirmou Francisco. A ponto que «ninguém pode dizer “eu sou justo” ou “eu não sou como aquele ou aquela”». Mas antes reconhecer que «eu sou pecador». E «eu diria que é quase o primeiro nome que todos temos: pecadores» afirmou o Papa, questionando a seguir: «Por que somos pecadores? Desobedecemos, sempre em relação com o Senhor: ele disse uma coisa e nós fizemos outra; não ouvimos a voz do Senhor: ele falou-nos tantas vezes». Com efeito, insistiu, «na nossa vida cada um pode pensar: “quantas vezes o Senhor se dirigiu a mim, quantas vezes não o ouvi!”. Por exemplo, prosseguiu, «falou com os pais, com a família, com o

catequista, na igreja, nas pregações, e também no nosso coração: ouvimos a voz do Senhor» mas «não ouvimos aquela voz que nos dizia para “caminhar segundo os decretos” que ele dera».

Lê-se ainda no excerto de Baruc proposto pela liturgia: «Nós nos rebelamos ao Senhor nosso Deus». E «o pecado é sempre o mesmo» porque «o pecado isolado não existe». Pois «o pecado é sempre pecado porque está em relação com Deus». Aliás, explicou o Pontífice, «o pecado isolado» está «descrito nos livros mas, na vida, um pecado é sempre uma má ação diante de Deus, na relação com ele». E assim, prosseguiu o Papa retomando as palavras do trecho de Baruc, «rebelamo-nos» a ele, «obstinamo-nos a não ouvir a sua voz»: eis «a obstinação do coração».

«Eu penso – confidenciou Francisco – que o profeta nos ensina como nos arrependermos; ensina-nos qual é o caminho para pedir perdão, o verdadeiro caminho». Baruc escreve que «com o pecado caíram-nos em cima muitos males»: e isto «porque – observou o Papa – o pecado arruína, arruína o coração, a vida, a alma; debilita, faz adoecer». Lê-se ainda no trecho de Baruc: «Não ouvimos a voz do Senhor» e, aliás, «em vez de ouvir o Senhor “seguiu as inclinações perversas do seu coração, serviu estrangeiros e praticou o que é mal aos olhos do Senhor».

Em síntese, afirmou o Pontífice, «o Senhor falou-nos» mas «cada um de nós fez o contrário: caiu na idolatria, as pequenas idolatrias de cada dia, fez o que é mau aos olhos do Senhor e seguiu “as inclinações perversas do coração”».

«Nós sabemos – disse sugerindo que se faça uma reflexão pessoal – que no nosso coração há muitas vezes inclinações para os pecados: avidez, inveja, ódio, calúnias». E «pensamos» precisamente nas «calúnias: talvez vós não – não sei – mas quantas vezes eu falo mal dos outros? Quantas vezes caluniei?». As calúnias, com efeito, são uma inclinação do coração: arruinar a vida do próximo». Ou pior: «Nós arrancamos as vestes quando ouvimos as notícias das guerras, mas falar mal é uma guerra, é uma guerra do coração para destruir o outro». E quando «o Senhor nos diz: “não, não fales mal, fica calado”, ao contrário “eu faço o que quero».

Por conseguinte, é importante «olhar sempre para o pecado nesta relação com o Senhor que nos ama, nos dá tudo», mesmo se «nós fazemos o que queremos». Por este motivo, sugeriu ainda, «quando fazemos o exame de consciência ou nos preparamos para a confissão, não devemos só enumerar os pecados, como se fossem as páginas amarelas ou a lista das compras: não». É preciso ao contrário reconhecer «este pecado que cometi diante do Senhor: ter sempre presente a relação: “eu fiz isto diante de ti”».

Muitas vezes, observou, «vamos confessar com a lista dos pecados – maus, é verdade – e despeja-

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 12 de outubro

Na parte da tarde: Os Senhores Cardeais Sua Beatitude Basélio Cleemis Thottunkal, Arcebispo-Mor de Trivandrum dos Sirio-Malancas (Índia); e Mario Aurelio Poli, Arcebispo de Buenos Aires (Argentina).

A 13 de outubro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Saad Hariri, Presidente do Conselho de Ministros do Líbano, com a Ex.^{ma} Esposa e o Séquito.

D. Hubertus Matheus Maria van Megen, Núncio Apostólico no Sudão do Sul e na Eritreia.

A 14 de outubro

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; D. Jude Thaddeus Okolo, Núncio Apostólico na Irlanda; e D. Mirosław Adamczyk, Núncio Apostólico no Panamá.

A 16 de outubro

D. Arthur Roche, Secretário da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos; D. Filippo Iannone, Vice-Gerente da Diocese de Roma; e o Senhor Cardeal Stanisław Ryłko, Arcepreste da Basílica Papal de Santa Maria Maior.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 12 de outubro

De D. Marie-Daniel Dadiet, ao governo pastoral da Arquidiocese de Korhogo (Costa do Marfim).

De D. Alain Castet, ao governo pastoral da Diocese de Luçon (França).

No dia 13 de outubro

De D. Filomeno Bactol, ao governo pastoral da Diocese de Naval (Filipinas).

De D. Andreas Laun, O.S.F.S., ao cargo de Auxiliar da Arquidiocese de Salzburg (Áustria).

No dia 16 de outubro

De D. John W. Flesey, ao cargo de Auxiliar da Arquidiocese de Newark (EUA).

No dia 18 de outubro

De D. Paulo Antônio De Conto, ao governo pastoral da Diocese de Montenegro (Brasil).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 12 de outubro

Núncio Apostólico na Finlândia, D. James Patrick Green, atualmente Núncio Apostólico na Suécia, Islândia e Dinamarca.

Auxiliar de Miami (EUA), o Rev.^{do} Pe. Enrique Delgado, do clero da mesma Arquidiocese, até agora Pároco da "Saint Katherine Drexel Parish" em Weston, simultaneamente eleito Bispo Titular de Aquae Novae in Proconsulari.

D. Enrique Delgado nasceu a 26 de dezembro de 1955 em Lima (Peru). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 29 de junho de 1996.

A 13 de outubro

Bispo de Naval (Filipinas), o Rev.^{mo} Mons. Rex C. Ramirez, do clero da Arquidiocese de Palo, até agora Vigário-Geral da mesma Sede.

D. Rex C. Ramirez nasceu em Balangiga (Filipinas), a 15 de dezembro de 1967. Foi ordenado Sacerdote no dia 27 de março de 1995.

Relator da Congregação para as Causas dos Santos, o Rev.^{mo} Mons. José Jaime Brosel Gavilá, do clero da Arquidiocese de Valencia, até esta data Oficial do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral.

A 16 de outubro

Enviado Especial às celebrações do IX centenário da chegada do Ícone de Nossa Senhora da Madia a Monopoli (Itália), previstas para os dias 15 e 16 de dezembro, o Senhor Cardeal Francesco Monterisi, Arcepreste Emérito da Basílica Papal de São Paulo fora dos Muros.

Chefe de Departamento junto da Administração do Património da Sé Apostólica, o Doutor Giuseppe Piazza, até hoje Responsável de Setor no mesmo Dicastério.

A 18 de outubro

Núncio Apostólico na Noruega, D. James Patrick Green, atualmente Núncio Apostólico Suécia, Islândia, Dinamarca e Finlândia.

Bispo da Diocese de Montenegro (Brasil), D. Carlos Rômulo Gonçalves e Silva, até agora Coadjutor da mesma Sede.

Bispo de Evansville (eua), D. Joseph M. Siegel, até hoje Auxiliar da Diocese de Joliet em Illinois.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 25 de setembro

D. Mateus Hu Xiande, Bispo de Ningbo (China Continental).

O saudoso Prelado nasceu a 27 de agosto de 1934, na província de Zhejiang (China Continental). Foi ordenado Sacerdote no dia 21 de novembro de 1985. Recebeu a Ordenação episcopal em 14 de maio de 2000.

No dia 15 de outubro

D. Johnai Munyongani, Bispo de Gweru (Zimbabwe).

O ilustre Prelado nasceu em Mutero Mission (Zimbabwe), no dia 1 de janeiro de 1950. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 20 de agosto de 1977. Foi ordenado Bispo em 14 de setembro de 2013.

D. Fulgentius Werner Le Roy, Bispo Emérito de Polokwane (África do Sul).

O venerando Prelado nasceu em Berelvelde (Bélgica), a 23 de agosto de 1924. Foi ordenado Sacerdote no dia 20 de julho de 1952. Recebeu a Ordenação episcopal em 14 de setembro de 1975.

Missas em Santa Marta

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 14

mos ali tudo diante do sacerdote, e ficamos tranquilos». Mas, prosseguiu, «eu questiono-me: onde está o Senhor, ali? Pensei que este pecado fosse contra o Senhor? "Ah, não me veio à mente". Contudo «não é uma mancha que deves limpar, se fosse uma mancha seria suficiente ir à lavanderia e fazer-se limpar». Ao contrário, explicou o Papa, «o pecado é uma relação de rebelião contra o Senhor: é mau em si, é mau contra o Senhor que é bom». Então «se penso assim nos meus pecados, em vez de entrar em depressão tenho aquele grande sentimento: a vergonha, a desonra da qual fala o profeta Baruc». Porque «a vergonha é uma graça: sentir vergonha diante do Senhor».

Eis então a proposta de fazer um exame de consciência pessoal: «Ninguém responda, mas sim, responda no coração: vós sentistes vergonha diante do Senhor, pelos vossos pecados? Pedistes a graça da vergonha, a graça de se envergonhar diante de ti, Senhor, porque te fiz isto? Porque eu sou mau: cura-me, Senhor». E «que o Senhor nos cure a todos» desejou o

Papa, recordando que a vergonha «abre a porta à cura do Senhor».

Por seu lado, prosseguiu Francisco, «o que faz o Senhor»? Faz o que pedimos na oração da coleta no início: «Senhor, Tu que revelas a tua onnipotência, sobretudo com a misericórdia e com o perdão». Por conseguinte, «quando o Senhor nos vê assim» devemos «envergonhar-nos daquilo que fizemos e com humildade pedir perdão: ele é onnipotente, purifica, abraça-nos, acaricia-nos e perdoa-nos». Mas «para chegar ao perdão o caminho é o que o profeta Baruc nos ensina hoje».

«Louvemos hoje o Senhor – foi a exortação do Papa – porque quis manifestar a onnipotência precisamente na misericórdia e no perdão; depois, também na criação do mundo, mas ela é a segunda». E «sobretudo na misericórdia e no perdão e diante de um Deus tão bondoso, que tudo perdoa, que tem tanta misericórdia, peçamos a graça da vergonha, de nos envergonhar; a graça de sentir desonra». Como escreve Baruc, «ao Senhor nosso Deus, a justiça; a nós, a desonra, ou seja, a vergonha». E «com esta vergonha, aproximar-se d'Ele que é tão onnipotente na misericórdia e no perdão».

Homilia durante as canonizações

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 7

os convidados do Evangelho que chegam ao ponto de insultar e até matar (cf. v. 6) aqueles que levaram o convite, apenas porque os incomodavam.

Assim, o Evangelho pergunta-nos de que parte estamos: da parte do próprio Eu ou da parte de Deus? Pois Deus é o oposto do egoísmo, da autorreferencialidade. Como nos diz o Evangelho, perante as contínuas recusas, os fechamentos em relação aos seus convites, Ele prossegue, não adia a festa. Não se resigna, mas continua a convidar. Vendo os «nãos», não fecha a porta, mas inclui ainda mais. As injustiças sofridas, Deus responde com um amor maior. Nós muitas vezes, quando somos feridos por injustiças e recusas, incubamos ressentimento e rancor. Ao contrário Deus, ao mesmo tempo que sofre com os nossos «nãos», continua a relançar, prossegue na preparação do bem mesmo para quem faz o mal. Porque assim é o amor, faz o amor; porque só assim se vence o mal. Hoje, este Deus que não perde jamais a esperança, compromete-nos a fazer como Ele, a viver segundo o amor verdadeiro, a superar a resignação e os caprichos

de nosso «eu» suscetível e preguiçoso.

Há um último aspeto que o Evangelho destaca: a *roupa dos convidados*, que é indispensável. Com efeito, não basta responder uma vez ao convite, dizer «sim» e... chega! Mas é preciso vestir o costume próprio, é preciso o *hábito* do amor vivido cada dia. Porque não se pode dizer «Senhor, Senhor», sem viver e praticar a vontade de Deus (cf. *Mt 7, 21*). Precisamos de nos revestir cada dia do seu amor, de renovar cada dia a opção de Deus. Os Santos canonizados hoje, sobretudo os numerosos Mártires, indicam-nos esta estrada. Eles não disseram «sim» ao amor com palavras e por um certo tempo, mas com a vida e até ao fim. O seu *hábito* diário foi o amor de Jesus, aquele amor louco que nos amou até ao fim, que deixou o seu perdão e as suas vestes a quem o crucificava. Também nós recebemos no Batismo a veste branca, a roupa nupcial para Deus. Peçamos a Ele, pela intercessão destes nossos irmãos e irmãs santos, a graça de optar por trazer cada dia esta veste e de a manter branca. Como consegui-lo? Antes de mais nada, indo sem medo receber o perdão do Senhor: é o passo decisivo para entrar na sala das núpcias e celebrar a festa do amor com Ele.

O Papa falou do mistério da morte à luz da esperança cristã

Jesus nos guiará pela mão

Pesar do Pontífice pelo massacre em Mogadíscio

Para quem crê a morte é como «uma porta que se abre de par em par»: naquele momento «o próprio Jesus virá ao encontro de cada um de nós e guiar-nos-á pela mão com a sua ternura». Recordou o Papa na audiência geral de quarta-feira, 18 de outubro, prosseguindo o ciclo de catequeses dedicado à esperança cristã.

Caríssimos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje gostaria de pôr em confronto a esperança cristã com a realidade da morte, uma realidade que a nossa civilização moderna tende a cancelar cada vez mais. Assim, quando a morte chega, seja para quem está próximo seja para nós mesmos, não estamos preparados, privados até de um “alfabeto” adequado para esboçar palavras com sentido acerca do seu mistério, que contudo permanece. Mesmo se os primeiros sinais de civilização humana transitaram precisamente através deste enigma. Poderíamos dizer que o homem nasceu com o culto dos mortos.

Outras civilizações, antes da nossa, tiveram a coragem de a encarar. Era um acontecimento contado pelos idosos às novas gerações, como uma realidade iniludível que obrigava o homem a viver para algo absoluto. O salmo 90 recita: «Ensinai-nos a contar assim os nossos dias, para que guiemos o coração na sabedoria» (v. 12). Contar os próprios dias faz com que o coração se torne sábio! Palavras que nos reconduzem a um realismo sadio, afastando o delírio da onipotência. O que somos? Somos «quase nada», diz outro salmo (cf. 88, 48); os nossos dias passam velozes: mesmo se vivêsse-

mos cem anos, no final teremos a impressão de que tudo foi um sopro. Muitas vezes ouvi idosos dizerem: “Para mim a vida passou como um sopro...”.

Assim a morte põe a nossa vida a nu. Faz-nos descobrir que as nossas ações de orgulho, ira e ódio eram vaidade: pura vaidade. Apecebemos, desapontados, que não amámos o suficiente e que não procurámos o que era essencial. E, ao contrário, vemos o que de verdadeiramente bom semeamos: os afetos pelos quais nos sacrificamos, e que agora nos levam pela mão.

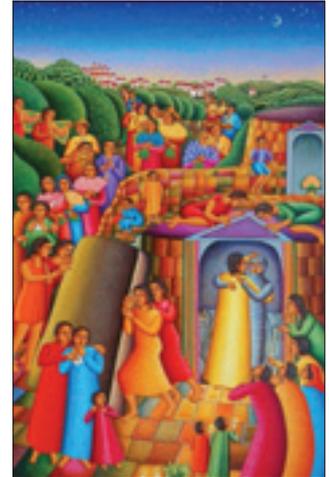
Jesus iluminou o mistério da nossa morte. Com o seu comportamento, autoriza-nos a sentir-nos pesarosos quando uma pessoa querida falece. Ele ficou «profundamente» perturbado diante do túmulo do amigo Lázaro, e «desatou a chorar» (Jo 11, 35). Nesta sua atitude sentimos Jesus muito próximo, nosso irmão. Ele chorou pelo seu amigo Lázaro. E então Jesus reza ao Pai, fonte da vida, e ordena a Lázaro que saia do sepulcro. E assim acontece. A esperança cristã alimenta-se nesta atitude que Jesus assume contra a morte humana: mesmo estando presente na criação, ela é contudo uma cicatriz que deturpa o desígnio de amor de Deus, e o Salvador quer curar-nos dela.

Outros evangelhos narram acerca de um pai que tem a filha muito doente, e dirige-se com fé a Jesus para que a salve (cf. Mc 5, 21-24.35-43). E não há figura mais comovedora do que a de um pai ou de uma mãe com um filho doente. E Jesus encaminha-se imediatamente com

aquele homem, que se chamava Jairo. A um certo ponto chega alguém da casa de Jairo, dizendo que a menina morreu, e que não há mais necessidade de incomodar o Mestre. Mas Jesus diz a Jairo: «Não tenhas receio, crê somente» (Mc 5, 36). Jesus sabe que aquele homem sente a tentação de reagir com raiva e desespero, porque a menina morreu, e recomenda-lhe que preserve a pequena chama que está acesa no seu coração: a fé. «Não tenhas receio, crê somente». “Não receies, unicamente continua a manter acesa aquela chama!”. E depois, quando chegaram a casa, despertará a menina da morte e restituí-la-á viva aos seus entes queridos.

Jesus põe-nos neste “ápice” da fé. Ao choro de Marta pela morte do irmão Lázaro contrapõe a luz de um dogma: «Eu sou a Ressurreição e a Vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim nunca morrerá. Crês tu nisto?» (Jo 11, 25-26). É o que Jesus repete a cada um de nós, todas as vezes que a morte vem arrancar o tecido da vida e dos afetos. Toda a nossa existência se joga aqui, entre a vertente da fé e o precipício do medo. Jesus diz: “Eu não sou a morte, eu sou a ressurreição e a vida, crês tu nisto?, crês tu nisto?”. Nós, que hoje estamos aqui na Praça, cremos nisto?

Todos somos pequeninos e indefesos diante do mistério da morte. Contudo, que graça se naquele momento guardarmos no coração a pequena chama da fé! Jesus guiar-nos-á pela mão, assim como guiou pela mão a filha de Jairo, e repetirá mais



John August Swanson, «Tirai a pedra»

uma vez: “*Talítá kum*”, “Menina, levanta-te!” (Mc 5, 41). Di-lo-á a nós, a cada um de nós: “Levanta-te, ressurgue!”. Agora, eu convido-vos a fechar os olhos e a pensar naquele momento: da nossa morte. Cada um de nós pense na própria morte, e imagine aquele momento que acontecerá, quando Jesus nos pegará na mão e nos disser: “Vem, vem comigo, levanta-te”. Terminará ali a esperança e será a realidade, a realidade da vida. Refleti bem: o próprio Jesus virá ter com cada um de nós e pegará-nos-á pela mão, com a sua ternura, a sua mansidão, o seu amor. E cada um repita no seu coração a palavra de Jesus: “Levanta-te, vem. Levanta-te, vem. Levanta-te, ressurgue!”.

Esta é a nossa esperança diante da morte. Para quem crê, é uma porta que se abre de par em par; para quem duvida é uma brecha de luz que filtra por uma porta que não se fechou completamente. Mas será para todos nós uma graça, quando esta luz, do encontro com Jesus, nos iluminar.

«Dor» e «deploração» pelo atentado terrorista ocorrido nos dias passados na capital somali de Mogadíscio foram expressas pelo Pontífice no final da audiência geral. Ao saudar os grupos presentes o Papa fez o seguinte apelo.

Desejo expressar o meu sofrimento pelo massacre ocorrido há alguns dias em Mogadíscio, Somália, que causou mais de trezentos mortos, entre os quais algumas crianças. Esta ação terrorista merece a mais firme deploração, também porque se enfurece contra uma população já tão provada. Rezo pelos defuntos e pelos feridos, pelos seus familiares e por todo o povo da Somália. Imploro a conversão dos violentos e encorajo quantos, com enormes dificuldades, trabalham pela paz naquela terra martirizada.

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, com destaque para os diversos grupos vindos do Brasil, em particular os fiéis da arquidiocese de Natal com o seu Pastor e os da arquidiocese de Londrina, convidando todos a permanecer fiéis a Cristo Jesus, como os Protomártires do Brasil. O Espírito Santo vos ilumine para poderdes levar a Bênção de Deus a todos os homens. A Virgem Mãe vele sobre o vosso caminho e vos proteja.

À World Conference of religions for peace

Religiões unidas contra guerras e violências

Antes da audiência geral de quarta-feira 18 de outubro o Pontífice recebeu, num ambiente adjacente à Sala Paulo VI, os delegados da World Conference of religions for peace, acompanhados pelo cardeal presidente do Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso.

Queridos amigos!

Dou-vos as minhas boas-vindas e agradeço-vos a vossa visita. Estou grato ao Cardeal Tauran pela sua apresentação.

A paz é uma tarefa urgente também no mundo de hoje, no qual muitas populações são dilaceradas por guerras e violências. A paz é ao mesmo tempo dom divino e conquista humana. Por isso, os crentes de todas as religiões são chamados a invocá-la e a interceder por ela; e todos os homens de boa vontade, especialmente quantos desempenham cargos de responsabilidade, são chamados a trabalhar por ela, com o coração, a mente e as mãos, porque a paz se constrói de modo “artesanal”. Nesta obra, paz e justiça são construídas juntas.

Na construção da paz, as religiões, com os seus recursos espirituais e morais, desempenham um papel particular e insubstituível. Elas não podem ter um comportamento neutro e muito menos ambíguo em relação à paz.

Quem pratica a violência ou justifica-a em nome da religião ofende gravemente a Deus, que é paz e fonte de paz, e imprime no ser humano um reflexo da sua sabedoria, poder e beleza.

Exprimo estima e gratidão pela obra da *Religions for Peace*; prestais um serviço precioso tanto para a religião como para a paz, porque as religiões são destinadas pela sua natureza a promover a paz, através da justiça, da fraternidade, do desarmamento e do cuidado da criação.

Entre as religiões serve um esforço comum de colaboração inclusiva para promover a ecologia integral. A Bíblia nos ajude nisto repondo-nos sob o olhar do Criador, o qual «contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom» (Gn 1, 31). As religiões dispõem de recursos para fazer progredir em conjunto uma aliança moral que promova o respeito pela dignidade da pessoa humana e o cuidado da criação.

Graças a Deus, temos muitos bons exemplos, em várias partes do mundo, acerca da força da cooperação inter-religiosa para contrastar os conflitos violentos, fazer aumentar o desenvolvimento sustentável, proteger a terra. Continuemos neste caminho! Confieemos na ajuda do Todo-Poderoso e na boa vontade dos crentes e de tantas outras pessoas.

Deus vos abençoe e torne fecundo o vosso compromisso em prol da paz.